



TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

385

Como vai o supercluster calçadista do Rio Grande do Sul? Uma análise da sua transformação estrutural recente (1995-2017)

**Alessandra Roehrig
Janaína Ruffoni
Renato Garcia**

Julho 2020



UNICAMP

ie Instituto de
economia

Como vai o supercluster calçadista do Rio Grande do Sul?

Uma análise da sua transformação estrutural recente (1995-2017)

Alessandra Roehrig¹

Janaína Ruffoni²

Renato Garcia³

Resumo

Um importante setor da indústria de transformação do Rio Grande do Sul é o calçadista. Considerado em meados dos anos 1990 um *supercluster* (Schmitz, 1995) pela sua intensa especialização produtiva concentrada territorialmente em vários municípios e pelo elevado número de empresas e empregos gerados, se vê diante de grandes desafios a partir de meados da década de 1990. Este Texto para Discussão (TD) objetiva, portanto, identificar a transformação estrutural pela qual esse setor está passando desde 1995. Para tanto: 1) foram utilizadas a teoria da concorrência inovativa e os aspectos dinâmicos da transformação industrial voltados a setores industriais tradicionais; e 2) foram organizadas informações estatísticas setoriais para o período de 1995 a 2017 (dados de produção, postos de trabalho e estabelecimentos, comércio exterior e indicadores de inovação). Constatou-se uma redução importante na produção, nas exportações – principalmente para seu maior destino, os Estados Unidos – e no nível de emprego. Além disso, houve precarização do trabalho, com menores níveis salariais, mesmo com aumento na qualificação formal da mão de obra, ao longo do tempo. Em termos de atividade inovativa, observou-se também pouco investimento setorial.

Palavras-chave: Concorrência e Transformação Industrial; Produção de calçados; Aglomerado Industrial; Rio Grande do Sul/Brasil.

Abstract

Footwear industry is a particularly important industry in the State of Rio Grande do Sul. It was considered in the mid-1990s as a supercluster (Schmitz, 1995), due to its huge specialization in a large region of the State, clustering a high number of shoe manufacturing firms. This paper aims to identify the structural change that the supercluster has been facing since the mid-1990s. To do that: 1) we use innovation theory and the dynamic aspects of industrial change applied to low-tech industrial sectors; and 2) sectoral statistic data for the period 1995-2017, such as output, employment and number of local firms, foreign trade and indicators of innovation. Our results show a huge decrease in production, employment, and exports, especially for the United States, together with very low innovative indicators. In addition, there was an increase in the use of precarious jobs, with reductions in the wage, even with the increase in the formal qualification of the workforce.

Keywords: Knowledge and innovation; Shoe industry; Sinos Valley; Industrial cluster.

JEL O18, O31, O32, R58.

Introdução

Este TD apresenta a trajetória do setor calçadista gaúcho, considerando suas significativas transformações percebidas, sobretudo, no decorrer dos últimos trinta anos. O Rio Grande do Sul é reconhecido como o berço da fabricação de calçados a nível nacional, e a região do Vale do Rio dos Sinos – com a cidade de Novo Hamburgo, denominada a capital nacional do calçado – como a

(1) Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Dinâmica Econômica da Inovação (GDIN) do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: aleroehrig@gmail.com.

(2) Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Dinâmica Econômica da Inovação (GDIN) / Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: jruffoni@unisinos.br.

(3) Professor Associado do Instituto de Economia da Unicamp. E-mail: rcgarcia@unicamp.br.

expoente no setor. Segundo Zingano (2012), a produção de calçados brasileira, iniciou-se artesanalmente com a figura do imigrante alemão, que trouxe consigo a profissão do artesão, e assim o curtidor e o sapateiro. A técnica manual de fabricação de calçados era desenvolvida pelo conhecido *schuhmacher*, sapateiro, em alemão. Observa-se que desde o surgimento do setor, a atividade produtiva da confecção de calçados esteve atrelada de maneira significativa à necessidade veemente de mão de obra. Com o passar dos anos, a produção artesanal começou a se expandir e a fabricação de calçados ganhou linhas de produção em unidades fabris. Em metade dos anos 1990, uma de suas principais características era o reconhecimento como um *supercluster* de produção de calçado. Conforme Schmitz (1995, p. 9), “*The Sinos Valley is an impressive concentration of local firms. It includes over 400 shoe firms, most of them specializing in women’s shoes. Around these shoe producers a range of other firms has emerged which produces inputs for the industry, markets its output or renders special services*”.

Contudo, também em meados de 1990, a dinâmica do setor começa a sofrer alterações a partir de medidas endógenas – política macroeconômica no país – e exógenas – entrada de novos *players* – com consequências notáveis até os dias atuais. A abertura comercial brasileira propiciou também a entrada de concorrentes externos. Alguns anos mais tarde, o plano de estabilização econômico resultou na valorização da moeda nacional. Esses e outros fatores, acabaram impactando na perda de competitividade do calçado brasileiro. O setor industrial como um todo é atingido por variáveis macro que afetam a estrutura de custo de produção e, por fim, a rentabilidade do ramo. Nesta mesma fase, no continente asiático, países como a China encontravam-se em crescimento econômico e de uma elevada quantidade de oferta de mão de obra disponível, o que lhes conferiu vantagem na produção de larga escala de produtos intensivos em mão-de-obra. Conforme, Neves (2018), as empresas calçadistas não foram capazes de responder de forma rápida às mudanças ocorridas na nova conjuntura estabelecida, e conseqüentemente, o setor como um todo, acabou emergindo em crise.

Atualmente, a estrutura produtiva da indústria calçadista encontra-se bastante alterada. A produção de calçados do Rio Grande do Sul diminuiu e se ramificou para outros estados brasileiros (em busca de um custo menor e, assim, de uma possível vantagem competitiva). Sendo assim, a questão central aqui é: *Quais são as principais características do processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha no período da metade da década de noventa até 2017?*

Além dessa Introdução, o trabalho está dividido em mais cinco seções. A primeira seção apresenta a teoria da concorrência inovativa e são abordados os aspectos dinâmicos da transformação industrial voltados aos setores tradicionais. Na segunda seção, é caracterizada a evolução da produção de calçados no Rio Grande do Sul. A terceira parte contempla os procedimentos metodológicos utilizados para a construção da base de dados que data do ano de 1995 até 2017. A quarta seção descreve e analisa dos dados de: produção de calçados, postos de trabalho e estabelecimentos, comércio exterior e indicadores de inovação. Por fim, são apresentadas as considerações finais, com as principais características encontradas no último processo de transformação estrutural que a indústria calçadista do Rio Grande do Sul passou.

1 Concorrência e transformação industrial

Interessa nesta seção explorar a temática da concorrência, a partir da teoria schumpeteriana e neo-schumpeteriana, e a percepção dinâmica da transformação industrial voltada aos setores tradicionais.

A partir de Schumpeter, na metade do século XX, a concorrência começa a ser abordada com um processo evolutivo e dinâmico, “gerado por fatores endógenos, inovações em busca de novas oportunidades lucrativas, interação competitiva” (Possas, 2002, p. 415).

Em linhas gerais, Schumpeter (1942) procurou destacar o caráter progressivo (não-estacionário) do sistema capitalista. Assim, independentemente de fatores exógenos, o capitalismo é descrito como um sistema evolutivo em permanente transformação, onde a produtividade é crescente. Um sistema que, pela sua própria natureza, nunca pode estar estacionário [...] (Silva, 2003, p. 253).

A concorrência schumpeteriana, como verificado na citação acima, carrega consigo duas características relevantes e inéditas na discussão da teoria econômica até então, sendo elas: evolução e dinamismo. Isso significa que o processo de concorrência inovativa é contínuo ao longo do tempo, independente se novo ou difundido, de alteração de processo ou de produto, de organização produtiva ou geográfica, e que, dessa forma, ele altera a estrutura produtiva de maneira permanente. Pode-se dizer, que o primeiro esboço desse pensamento foi percebido anteriormente por Marx.

Silva (2003) destaca três elementos na teoria de Schumpeter: a) o processo de concorrência e de inovação são inseparáveis, para adquirir espaço no mercado é preciso criar vantagens diferenciais; 2) a evolução do processo capitalista está conectada com a inovação; e 3) a indústria possui comportamento de um equipamento em crescimento.

Mais recentemente, no início da década de oitenta, Nelson e Winter (1982), desenvolvem uma abordagem neo-schumpeteriana. Os autores introduzem as ideias de *busca de inovações* desenvolvida a partir de *estratégias* (da firma) e de *estruturas* (de mercado) em uma *trajetória* durante um determinado período, por *difusão* ou *geração* de inovações, no qual a indústria se altera de forma *endógena* e assim faz a sua *seleção de mercado*, além do *ambiente*. Essa abordagem utiliza modelos de *simulação* e não de soluções com *equilíbrio e estabilidade* como a escola neoclássica (Possas, 2002).

O pensamento neo-schumpeteriano também está ancorado no processo de mutação e submetido à seleção do ambiente, tendo como paralelo a teoria da biologia evolucionista. Ou seja, para as empresas, as alterações organizacionais são consequências da procura contínua por inovação com intuito dela se adaptar ao cenário competitivo do mercado, com possibilidade de sucesso ou não. Cabe aos mecanismos de seleção – concorrência e mercado – decidir se a criação resultará em sucesso. Assim, esse processo pode ser visto como uma movimentação ou uma trajetória e está distante de uma determinação sobre o futuro e de um ajustamento de equilíbrio. A concorrência evolucionista é “...um processo dinâmico pelo qual padrões de comportamento da empresa e resultados do mercado são determinados conjuntamente no tempo” (Nelson; Winter, 1982, p. 18).

Sendo, então, o capitalismo entendido como um sistema evolutivo e em permanente transformação, a atividade industrial, que faz parte deste sistema, também se transforma e muda de “papel”. Para os setores tradicionais, esse processo pode ser mais complexo, mas é fundamental para que se mantenham no mercado ou ampliem sua participação.

As indústrias tradicionais, costumam optar por atuar em mercados segmentados, levando em consideração as propriedades relevantes do bem final, estruturados no perfil específico de consumidor que desejam alcançar e na sua renda. Isso ocorre, dada a grande concorrência que essas indústrias enfrentam. “Essas condições implicam a coexistência de empresas, que possuem atividades tecnicamente similares, buscando atuar em faixas de mercado completamente distintas”. (Ferraz; Kupfer; Haguenuer, 1995, p. 40).

Esses setores são relativamente sensíveis à demanda. Elementos como *design*, marca e prazos de entrega são fundamentais para a competitividade das empresas. Outra importante questão, é que fábricas necessitam ter capacidade para rápida expansão na capacidade de produção, pois em determinados períodos, são demandadas para atenderem volumes maiores em prazos curtos. Sabe-se que as empresas de maior porte conseguem ter um melhor nível de capacidade, uma vez que a capacidade produtiva está relacionada ao porte empresarial (Ferraz; Kupfer; Haguenaer, 1995).

As indústrias tradicionais atuam fortemente na parte da montagem e em produtos de baixa intensidade tecnológica. Elas são usuárias de inovações geradas a partir de outros setores, (como em equipamentos, insumos e técnicas de gestão da produção e vendas), mas não costumam ser capazes de gerá-las, o que dificulta a aquisição de inovações pelas pequenas empresas. “Por essa razão, é cada vez mais frequente o surgimento de formas de articulação horizontal entre empresas, em geral configuradas em polos regionais de produção” (Ferraz; Kupfer; Haguenaer, 1995, p. 40). Isso pode ser entendido como uma forma de colaboração, amarração e também é denominado como “economia de aglomeração”. Assim, é comum encontrar significativa participação da produção em uma grande quantidade de pequenas empresas nesse setor.

As grandes empresas tendem a atuar mais fortemente na marca e já as pequenas empresas em produtos de menor custo. Assim, é no esforço de venda que se encontra um certo nível de diferenciação. Contudo, o maior atributo para diferenciar as empresas tradicionais está na capacitação empresarial das mesmas, como destacam Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1995).

Para as empresas de setores tradicionais, a competitividade está muito relacionada ao desempenho da gestão do negócio.

O fator crítico para a competitividade nas indústrias tradicionais é a capacidade empreendedora de seus dirigentes, principalmente, o grau de atualização das técnicas de gestão de matérias primas, mão de obra e equipamentos. Assim, prevalece uma alta relação dos esforços em gestão sobre o valor da produção como elemento decisivo do padrão de concorrência nesse grupo [...] (Ferraz; Kupfer; Haguenaer, 1995, p. 40).

As empresas mais dinâmicas do setor tradicional não têm mais buscado competir em mercados saturados, de produtos padronizados, focados em preço. Mas sim, em artigos com uma preocupação maior de conceito, estilo e qualidade. Dessa forma, para ser competitivo, torna-se relevante ser capaz de responder de forma quase instantânea às mudanças na preferência do consumidor, da demanda.

Já a competitividade, a partir da evolução nas inovações dos setores tradicionais, ainda encontra muitos obstáculos na parte de automação, isso por boa parte do processo ainda ser realizado de maneira artesanal/manual, como no trabalho de costura, por exemplo. A literatura também aponta uma maior cooperação entre as empresas tradicionais ao longo da cadeia produtiva. Esse movimento tem como objetivo ganhar produtividade e reduzir despesas desnecessárias.

Por fim, é importante estar ciente que:

...a concorrência e a competitividade não surgem de forma espontânea... mas dependem de modo crucial da adequação das condições ambientais e, por extensão de medidas de política econômica. Em outras palavras, concorrência e competitividade devem ser construídas [...] (Possas, 2002, p. 428).

Em muitos países, houve iniciativa de políticas governamentais voltadas à competitividade principalmente para o progresso nas exportações. Alguns países adotaram medidas de barreiras

tarifárias e não tarifárias, enquanto outros buscaram ganhos de produtividade através de políticas industriais específicas e tecnológicas, em pesquisa e desenvolvimento, promoção das exportações e subsídio para a geração de postos de trabalho.

Compreende-se que é necessário proteger e fomentar a concorrência para gerar mais competitividade. Isso não significa que a indústria será enfraquecida. As empresas deverão, da mesma forma, estar preparadas com aptidão, eficiência técnica, produtividade e organização para entrar ou manter-se no mercado.

2 Indústria calçadista do Rio Grande do Sul

A fabricação de calçados no Brasil é um dos ramos mais tradicionais da economia industrial brasileira, além de ser uma das primeiras indústrias. Em 2017, o setor abrigava 5,7 mil empresas e 239,1 mil empregados (segundo os dados oficiais da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS) e produziu 905,4 milhões de pares de calçados (conforme a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados – Abicalçados). O tamanho da produção, da geração de emprego e de empresas locais revela a importância socioeconômica do setor. O Brasil, posiciona-se como quarto maior produtor mundial de calçados, representando 4,2% da produção global, ficando atrás apenas da China, Índia e Vietnã, os três maiores produtores, respectivamente. *O setor calçadista brasileiro é o principal produtor de calçados situado fora da região asiática.*

No mesmo ano, ainda de acordo com os dados da Abicalçados, o Rio Grande do Sul foi responsável por produzir aproximadamente 20% da produção nacional, o que corresponde a 185,9 milhões de pares. As empresas de fabricação de calçados estiveram representadas por cerca de 1,9 mil empresas, e foram responsáveis 78,7 mil postos de trabalho. Do total da produção, cerca de 85% foi destinado para atendimento da demanda nacional, enquanto 15% seguiu para atendimento do mercado internacional via exportação. Além disso, o estado gaúcho representou 22% e 41%, em volume e em valor, respectivamente, da origem das exportações de calçados nacionais, tendo como principal destino o mercado estadunidense, em valor.

O polo do Vale do Rio dos Sinos⁴ tem papel de destaque na produção de calçado do Rio Grande do Sul. Costa (2004) escreve que o polo possui uma das melhores estruturas em ambiente produtivo à fabricação de calçados, por apresentar diversas atividades e materiais para a produção, tornando necessária apenas a importação de algumas máquinas e couros excepcionais.

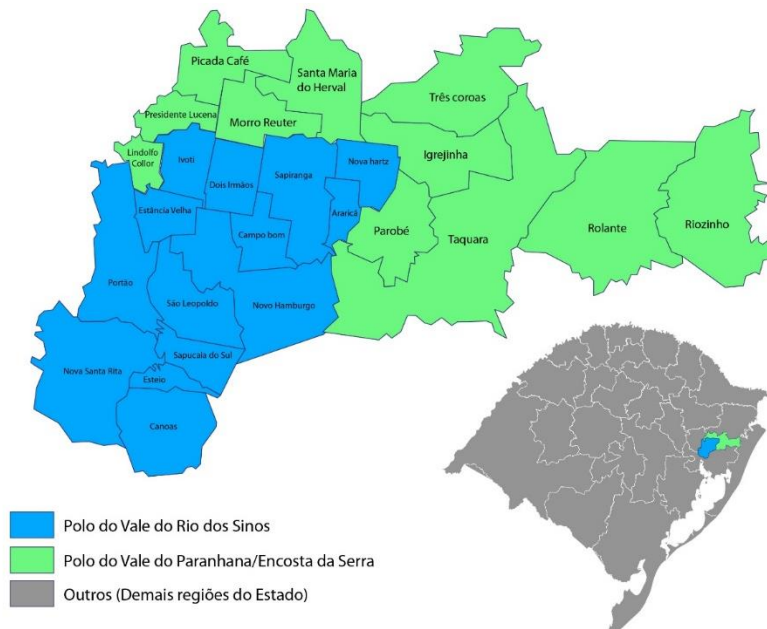
Na região acham-se instalados ramos auxiliares a essa ocupação, como curtumes, máquinas e equipamentos para calçados, componentes, prestadores de serviços e instituições de apoio, formando um complexo produtivo e integrado [...] (Costa, 2004, p. 12).

A região do Vale do Rio dos Sinos juntamente com a do Vale do Paranhana/Encosta da Serra são as que se destacam na produção de calçados no RS⁵.

(4) Compreende-se por polo do Vale do Rio dos Sinos a região formada pelos seguintes municípios: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul.

(5) O conceito de polo de calçadista está no entendimento das regiões, aglomerados de municípios próximos, no qual há grande concentração da produção calçados.

Figura 1
Ilustração dos principais polos da indústria calçadista no Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborada pelos autores (2019), com base em FEE DADOS.

Focando o texto no desempenho desta atividade produtiva nos anos do século XXI, pode-se destacar que:

Os calçadistas gaúchos, desde o início dos anos 2000, são desafiados a buscar novas maneiras de inserção na cadeia global através de melhorias de processos de produção e comercialização. O mercado interno volta a ser destino expressivo das parcelas de produção aliado com desenvolvimento de capacitações na área do design, marcas e novos mercados consumidores. Novos formatos organizacionais das firmas enfatizam a terceirização, realocação geográfica, interação interna e com parceiros, fornecedores e clientes. Pode-se perceber que o Vale do Sinos passou por um período de ascensão até os anos iniciais da década de 90 e sofre fortes modificações a partir de então [...] (Neves, 2018, p. 14).

A citação acima consegue descrever muito bem e de forma sucinta traços importantes e ações tomadas pela indústria calçadista no Rio Grande do Sul, a partir do cenário ocorrido e que alteraram a estrutura produtiva desde os anos 2000.

Corrêa, (2001), em seu trabalho, conclui que o setor estava em uma fase ideal para diversificar os mercados de exportação e desenvolver o ramo na área de promoção comercial, posicionamento, design e investimento em marca. Boa parcela das exportações eram realizadas através de atacadistas e por agentes que acabavam distribuindo o produto brasileiro no mercado estrangeiro, mas sem o reconhecimento devido à origem do calçado, levando apenas o nome e a marca do importador. Costa, (2004), relata que os fabricantes gaúchos se esforçaram mais na estratégia de exportar seus calçados com marca própria, capacitando-se em quesitos como design e estilo qualidade, promoção comercial (feiras e eventos no exterior), marketing e centro de distribuição internacional.

O novo contexto internacional não permitiu sucesso as empresas que adotaram apenas como estratégia a concorrência em preços. Os fabricantes de calçados tiveram de se esforçar em

diferenciação de produto, a partir do design para obter vantagem competitiva, e em um maior número de coleções, de linhas e de produtos, relata Neves (2017).

No período, observa-se também uma grande concentração de empresas de calçados na região do Vale dos Sinos com especialização do polo em calçados femininos. Em 2004, 37% dos estabelecimentos da indústria calçadista nacional encontravam-se no estado gaúcho. Eram cerca de 2,8 mil empresas que empregavam 140 mil trabalhadores, segundo os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Além disso, cerca de 80% dos produtores de máquinas para a fabricação de calçados e 60% dos fornecedores de componentes estavam instalados na região (Corrêa, 2001).

“É importante ressaltar que o crescimento competitivo do complexo coureiro-calçadista requer uma forte parceria entre iniciativa privada, governo e trabalhadores” (Corrêa, 2001, p. 89). O autor enfatiza o aspecto de integração para um melhor desempenho do setor. Entre 2000 e 2009, os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para o setor de couros, artefatos e calçados foram de uma média anual de R\$ 263 milhões. Já o investimento das empresas, observado em ativo imobilizado, aquisição e melhorias na fabricação de calçados teve uma média anual de R\$ 447 milhões investidos. O interessante é que tanto os investimentos públicos como o privado apresentaram uma taxa média anual de crescimento de 9,2% no mesmo período.

Comparado a década de 90, entre os anos 2000 até o ano de 2014, houve um melhor desempenho da economia brasileira, principalmente na perspectiva de estabilidade. Mesmo assim, determinadas flutuações econômicas acabaram influenciando o ramo calçadista. Um bom exemplo é a taxa de câmbio que entre os anos de 2001 a 2006, o real se encontrou um pouco mais desvalorizado e nesses anos ocorreram os maiores volumes registrados de exportações de calçados brasileiros, uma média de 184 milhões por ano. Ao passo que com a valorização do real, em 2010 e 2011, foram exportados apenas 113 milhões de pares em cada ano. (Dados conforme o Banco Central do Brasil e do Comex Stat, taxa de câmbio e comércio exterior, respectivamente).

Outro fator relevante no espaço de tempo foi o aumento das importações de calçados no Brasil. Em 2000, o país importou 5,7 milhões de pares. Já em 2009, a quantidade de pares importadas foi de 30,4 milhões de pares, uma taxa de aumento médio anual de 20,5%, bastante expressiva. No total da década, foram importados 164,5 milhões de pares. O aumento de importação no intervalo de tempo observado estava relacionado principalmente ao país asiático chinês, sendo o principal exportador do produto ao Brasil. Para se ter uma ideia, em volume, a China passou de uma participação de 56% para 79% nas importações de calçados de 56,3%, no período de 2000 a 2009. Além disso, o preço médio praticado por par pelos chineses era muito inferior aos demais países exportadores. Em 2008, o preço médio do calçado importado da China foi de US\$ 6,5 o par, enquanto o restante dos exportadores praticou um preço médio em torno de US\$ 13,4 o par.

Em março de 2010, foi aplicado o direito definitivo de *antidumping* por cinco anos contra as importações originárias dos calçados chineses. A ação foi movida por meio da Câmara de Comércio Exterior (CAMEX) e visa a proteção comercial ao setor calçadista brasileiro. A prática tem como objetivo proteger a indústria nacional através da preservação dos produtores locais, dos postos de trabalho e do nível de produção, de ações de *dumping* que se referem à prática comercialmente desleal. Isso ocorre a partir de uma série de fatores, como a disparidade na eficiência das empresas, resultado de condições conjunturais, estruturais, tributárias, cambiais, etc. Esses fatores podem criar condições favoráveis à formação de monopólios multinacionais, com processos produtivos tecnológicos e economicamente injustos e (praticamente) inalcançáveis devido a heterogeneidade de desenvolvimento entre as nações. O *dumping* foi observado sendo executado pela China no Brasil na comercialização de calçados. Assim, houve direito definitivo de proteção ao calçado nacional,

abrangendo as seguintes categorias de SH⁶: 6402 (calçado de sintético/laminado), 6403 (calçado de couro), 6404 (calçado têxtil) e 6405 (outros calçados), excetuando calçados com os códigos 6402.20.00 (chinelos); 6402.12.00 e 6403.12.00 (esportivos); e 6403.20.00. A política inicialmente teve prazo até 2016, após foi renovada com vigência para a data de 02/03/2021, com a aplicação de US\$10,22/par chinês importado ao Brasil.

Um ano antes, outro acontecimento exógeno também deve ser observado, a crise mundial iniciada nos Estados Unidos. O mercado norte-americano sempre deteve da maior parcela destino das exportações brasileiras e gaúchas de calçados. Assim, faz-se imprescindível a busca de dados no período. As exportações gaúchas de calçados para os Estados sofreram uma queda média de 37% entre os anos de 2009 a 2012, conforme os dados oficiais de exportação do governo brasileiro. Já nos calçados totais enviados do Brasil ao mercado estadunidense a diminuição média anual foi de 18%, no mesmo espaço de tempo.

Com todas as movimentações ocorridas no cenário macro, é importante perceber que a indústria brasileira de calçados de fato precisou se movimentar, optando por voltar-se ao mercado interno. Desde os anos 2000, a produção nacional de calçados teve expansão em quantidade, enquanto as exportações brasileiras de calçados apresentaram quedas e as importações aumentaram. A produção de calçados no Brasil, em 2000, foi de 462 milhões de pares. Já no ano de 2017, foram produzidos 905 milhões de calçados. As exportações passaram de 163 milhões de pares para 127 milhões, no mesmo período observado. Por fim, as importações de calçados no país aumentaram de 5,7 milhões de pares para 23,8 milhões de pares em 2017.

O Rio Grande do Sul já teve o maior polo produtor de calçados do Brasil e um dos maiores complexos produtivos do mundo, localizado no Vale do Sinos e com apoio do Vale do Paranhana/Encosta da Serra. Em 2017, o estado foi responsável por aproximadamente 20% da produção nacional, posicionando-se como o segundo maior produtor de calçados no Brasil, (atrás apenas do Ceará, que produziu 27% do total brasileiro), em volume. Nas exportações de calçados brasileiros, o Ceará foi o estado que mais exportou, em quantidade, tendo uma representatividade de 39%. Contudo, quando analisado as exportações de calçados em valor, o Rio Grande do Sul é o estado pujante, responsável por 41% do total de dólares que entraram no Brasil, em 2017. Além disso, o preço médio do calçado gaúcho exportado é mais alto que o preço médio do Ceará, isso porque o estado gaúcho possui maior valor agregado no calçado que o estado nordestino.

No que abrange os dados de emprego e empresas, o setor de fabricação de calçados gaúcho contemplou 79 mil postos de trabalho e 1,9 mil empresas, em 2017. Comparado ao ano de 2000, houve uma retração acumulada de 33% nos postos de trabalho e de 9,8% no número de estabelecimentos.

Em 2017, a fabricação de calçados do Rio Grande do Sul esteve basicamente representada pelos polos do Vale do Rio dos Sinos e Vale do Paranhana / Encosta da Serra, com participação em volume (pares), de 43% e 21,6%, respectivamente, em 2017. O restante do estado teve sua participação, no mesmo ano, expressada em 35%. Os postos de trabalho e as empresas de fabricação de calçados também estão concentradas mais nos dois polos. No total, as duas regiões possuem 65% da mão de obra do setor, já no total de empresas, a participação foi de 74%, em 2017.

A próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados no estudo.

(6) Sistema harmonizado internacionalmente para a classificação de mercadorias.

3 Procedimentos metodológicos

Para responder ao problema aqui colocado de “*Quais são as principais características do processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha, no período da metade da década de noventa até 2017?*”, foi construída uma base de dados com múltiplas variáveis, a partir de informações estatísticas oficiais. O esforço investigativo esteve à pretensão de organizar os dados, e posteriormente apresentá-los e de descrevê-los de modo a identificar o desempenho do setor calçadista gaúcho no período selecionado.

Algumas observações sobre os dados utilizados são relevantes:

1. Valores constantes da produção de calçados: Para tirar o efeito da inflação no período, foi utilizado o índice preços oficial do Brasil, o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Como ano base foi empregado 2017. Assim, a partir da variação do IPCA referente ao ano base foi chegou-se aos deflatores. Após os deflatores foram multiplicados pelos valores nominais resultando no valor real.
2. Preço médio por par de calçado: A mensuração é realizada a partir da média aritmética, no qual soma-se o valor total da produção dividido pela quantidade total produzida, por exemplo. O mesmo pode ser feito para os dados de exportação ou de importação.
3. Variação anual ou acumulada: O cálculo é realizado a partir da diferença entre valor final e o valor inicial em uma porcentagem relativa ao valor inicial.

O Quadro 1 a seguir informa o que foi utilizado no estudo.

Quadro 1
Organização das informações coletadas

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Estabelecimentos por principal classe de atividade econômica – CNAE Classe – Fabricação de calçados no Rio Grande do Sul (foram considerados os estabelecimentos com 1 ou mais funcionários)	Por material: Fabricação de calçados de couro (couro natural) Fabricação de calçados de material sintético (plástico, borracha) Fabricação de calçados de outros materiais, não anteriormente especificados.	1995 a 2017	Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), através do Ministério do Trabalho e do Emprego.
	Polo do Vale do Rio dos Sinos: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul.		
	Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra: Igrejinha, Lindolfo Collor, Morro Reuter, Parobé, Picada Café, Presidente Lucena, Riozinho, Rolante, Santa Maria do Herval, Taquara e Três Coroas.		
	Outros: Demais municípios do Rio Grande do Sul.		
	Por Porte: Microempresa: 1 a 19 funcionários Pequena empresa: 20 a 99 funcionários Média empresa: 100 a 499 funcionários Grande empresa: 500 ou mais funcionários		

Continua...

Quadro 1 – Continuação

Indicador	Informação coletada	Período	Fonte
Postos de trabalho por principal classe de atividade econômica – CNAE Classe – Fabricação de calçados no Rio Grande do Sul	Por material	1995 a 2017	Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), através do Ministério do Trabalho e do Emprego.
	Por Polo		
	Por Porte		
	Por Escolaridade: Ensino fundamental incompleto Ensino fundamental completo Ensino médio incompleto Ensino médio completo Ensino superior incompleto ou completo		
	Por faixa salarial: De 0 a 1 salário mínimo de 1,01 a 1,5 salários mínimos de 1,51 a 2,0 salários mínimos de 2,01 a 3,0 salários mínimos Mais de 3,01 salários mínimos		
Exportações de calçados	Acompanhamento das exportações de calçados em valor (US\$), em volume (pares) e preço médio (US\$/par), no Rio Grande do Sul.	1995 a 2017	Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).
	Por material: Calçado injetado: Calçado impermeável de sola exterior e parte superior de borracha ou plástico, em que a parte superior não tenha sido reunida à sola exterior por costura ou por meio de rebites, pregos, parafusos, espigões ou dispositivos semelhantes, nem formada por diferentes partes reunidas pelos mesmos processos. Calçado sintético/laminado: Outro calçado com sola exterior e parte superior de borracha ou plástico. Calçado de couro: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de couro natural. Calçado têxtil: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de matérias têxteis. Outro calçado: não anteriormente especificado.		
	Por Polo Três principais (maiores) destinos, em valor (US\$), das exportações de calçados no Rio Grande do Sul.		
Importações de calçados	Acompanhamento das importações de calçados em valor (US\$), em volume (pares) e preço médio (US\$/par), no Rio Grande do Sul.	1997 a 2017	Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).
	Por material: Calçado injetado: Calçado impermeável de sola exterior e parte superior de borracha ou plástico, em que a parte superior não tenha sido reunida à sola exterior por costura ou por meio de rebites, pregos, parafusos, espigões ou dispositivos semelhantes, nem formada por diferentes partes		

	<p>reunidas pelos mesmos processos.</p> <p>Calçado sintético/laminado: Outro calçado com sola exterior e parte superior de borracha ou plástico.</p> <p>Calçado de couro: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de couro natural.</p> <p>Calçado têxtil: Calçado com sola exterior de borracha, plástico, couro natural ou reconstituído e parte superior de matérias têxteis.</p> <p>Outro calçado: não anteriormente especificado.</p> <p>Três principais (maiores) origens, em valor (US\$), das importações de calçados no Rio Grande do Sul.</p>		
Destino da produção de calçados	Do total produzido de calçados em volume, o percentual da produção que é destinada ao mercado externo, e conseqüentemente, o restante permanente ao mercado interno.	2005 a 2017	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).
Taxa média anual de câmbio	Acompanhamento da taxa média anual de câmbio, preço do dólar americano (US\$), (moeda oficial utilizado na transação de comércio internacional), frente a moeda nacional, real (R\$).	1997 a 2017	Banco Central do Brasil (BACEN).
Produção mundial de calçados	Acompanhamento da produção mundial de calçados, em volume (pares).	2007 a 2017	World Shoe Review (WSR).
Exportações mundiais de calçados	Acompanhamento da exportação mundial de calçados, em volume (pares).	2007 a 2017	World Shoe Review (WSR).
Implementação de inovações – Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados	Por tipo de inovação: Produto Processo Produto e Processo	2000 a 2014	PINTEC (pesquisa de Inovação).
	Nas atividades internas de pesquisa e desenvolvimento por grau de importância: Alta Média Baixa ou não realizou.		
	Na aquisição de máquinas e equipamentos por grau de importância: Alta Média Baixa ou não realizou.		
	Na introdução de inovações tecnológicas no mercado por grau de importância: Alta Média Baixa ou não realizou.		

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

4 Descrição e Análise dos Dados

O presente capítulo tem como finalidade apresentar os principais dados, em séries históricas, da indústria calçadista gaúcha. Primeiramente será apresentada a produção de calçados, tanto no

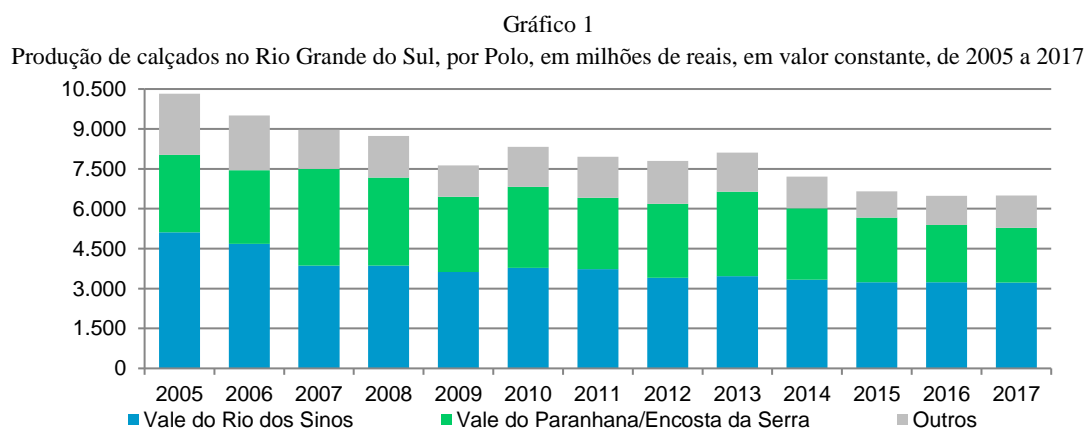
aspecto de valor, como de volume de pares e de preço médio por produto fabricado. Após, serão observados os estabelecimentos, com um ou mais funcionários, e o número de postos de trabalho da fabricação de calçados. Também serão descritas as características das empresas por porte e a faixa de renda e escolaridade dos colaboradores. As informações de comércio exterior serão analisadas no quarto subcapítulo. A penúltima parte estará voltada aos principais países produtores e exportadores de calçados no mundo, dada a sua influência de atuação no mercado como um todo. Por fim, serão observados os indicadores de inovação do setor de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados.

4.1 Produção

O Rio Grande do Sul, em 2017, representou quase 29% do total produzido, em valor, de calçados no Brasil. Sendo o estado que mais produz calçados, em valor, algo próximo de R\$ 6,5 bilhões. Contudo, ao se observar os dados do Gráfico 1, consegue-se facilmente notar que a produção do estado já foi muito maior, em valores reais. Em 2005, os calçados fabricados no Rio Grande do Sul chegaram a mais R\$ 10,3 bilhões, sendo responsáveis por uma parcela de 45,5% da manufatura do produto nacional. Nesse sentido, percebe-se que a indústria calçadista gaúcha perdeu representatividade na produção brasileira além de queda em 37% no valor de produção, (2005-2017). Enquanto isso, a indústria nacional, no mesmo período, apresentou variação acumulada de -0,2%.

Ao olhar a produção de calçados gaúcha segmentada pelos principais polos, em valor, a partir do Gráfico 1, observa-se que todas as regiões apresentam quedas acumuladas ao longo do período. A região com maior representatividade no Rio Grande do Sul, o polo do Vale do Rio dos Sinos, teve variação negativa de quase 37%, no período. O resultado é semelhante ao total da perda acumulada na produção do estado. Esse comportamento pode estar relacionado a expressividade do polo na participação da fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, próximo a 50%. O polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra apresentou a menor queda entre as regiões, cerca de 29,4%. O pior desempenho esteve nas demais regiões (outros), com perda de 47%.

É importante destacar que os dados de manufatura de calçados em valor foram todos deflacionados, assim são apresentados em valor constante. O resultado em valor nominal seria completamente distorcido e computaria em crescimento de 22% na produção calçadista, entre os anos de 2005 a 2017.

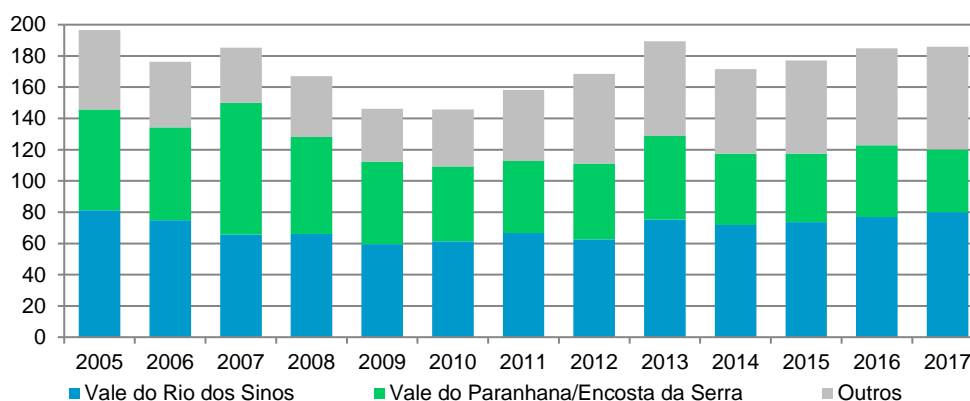


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

Em 2017, na mensuração dos dados de produção de calçados em volume, (pares), o estado gaúcho foi o segundo maior produtor de calçados no Brasil, ficando atrás apenas do Ceará. A representatividade do Ceará foi de 26% de calçados fabricados no país e já do Rio Grande do Sul foi de 20,5%, expressados em 235,1 e 185,9 milhões de pares, respectivamente.

Entre 2005 a 2017, a produção de calçados do estado gaúcho retraiu em 5,4%, queda menor em relação ao valor da manufatura. Contudo, ao observar a evolução dos polos, no Gráfico 2, é possível perceber que eles tiveram comportamentos diferentes um do outro na fabricação de calçados. O Polo do Vale do Rio dos Sinos representou 43% da manufatura em quantidade, 80 milhões de pares, em 2017. No entanto, comparado a 2005, o polo resultou em queda acumulada de 1,6%. O polo do Vale do Paranhana/Encosta de Serra caiu 37,7%, em pares, ao longo dos anos. A região teve variação negativa maior em quantidade que em valor. Em 2017, o polo produziu 40,1 milhões de pares. Já a região outros, apresentou expansão na produção de pares, de 51,8 milhões em 2005 para 65,8 milhões em 2017, ou seja, aumento de mais 29%.

Gráfico 2
Produção de calçados no Rio Grande do Sul, por Polo, em milhões de pares, de 2005 a 2017



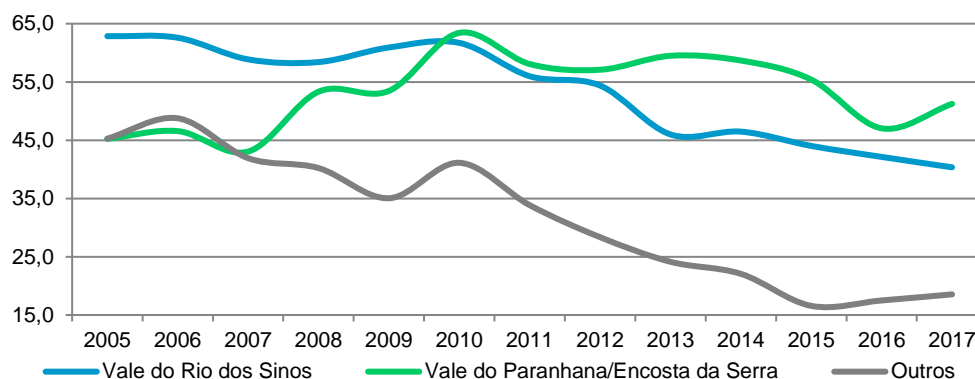
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

A partir da queda na produção de calçados em valor, no recorte das regiões, e dos diferentes comportamentos da fabricação, em volume, a evolução do preço médio do calçado gaúcho resultou em distintos comportamentos. Assim, ao olhar o Gráfico 3, preço médio do calçado produzido por polo, consegue-se perceber uma tendência similar de comportamento no polo do Vale do Rio dos Sinos e outros, demais regiões. No entanto, o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra não segue o mesmo padrão de comportamento. Em 2017, o polo resultou o maior preço médio do calçado produzido no estado, com aumento de 13,3% no preço por unidade em relação a 2005.

Em 2005, o preço médio mais alto do calçado produzido no estado estava no Vale do Rio dos Sinos (R\$ 62,90 por par). No entanto, no final do período, após as quedas anuais, o calçado fabricado no polo ficou em R\$ 40,30, refletindo uma perda de valor de mais de 35%. Já o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra passou de um preço médio de R\$ 45,00 para R\$ 51,20, de 2005 para 2017. As demais regiões do Rio Grande do Sul, em 2005, apresentavam um valor médio de R\$ 45,00 no calçado produzido, já em 2017, o preço médio foi de R\$ 18,50. A região apresentou queda no indicador de 59%. É muito provável que essa região tenha alterado o segmento de calçado produzido, a partir de uma variação tão representatividade no preço médio encontrado, entre 2005 e 2017.

Gráfico 3

Preço médio (RS/par) do calçado produzido no Rio Grande do Sul, por Polo, de 2005 a 2017



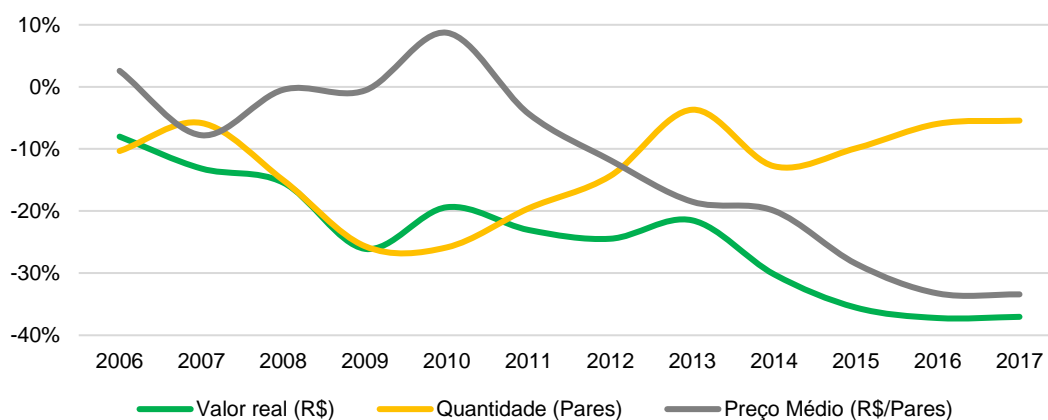
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

A partir das observações compreende-se que o Vale do Paranhana/Encosta da Serra foi a única região que teve aumento no preço médio do calçado produzido. Já o “outros”, conseguiu aumentar sua produção em volume, mas teve grande perda no valor médio do calçado. E o polo do Vale do Rio dos Sinos teve perda tanto na produção do produto em valor, como em pares e no preço médio. Os comportamentos distintos no recorte das regiões talvez possam ser explicados no detalhamento dos dados seguintes.

O Gráfico 4 demonstra que a variação acumulada da produção de calçados no Rio Grande do Sul como um todo, entre 2006 a 2017, resultou em queda em todos os aspectos, seja no valor real de fabricação, no volume (pares) e no preço médio do produto. A redução maior encontra-se no valor real de produção.

Gráfico 4

Variação acumulada da produção de calçados no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2017

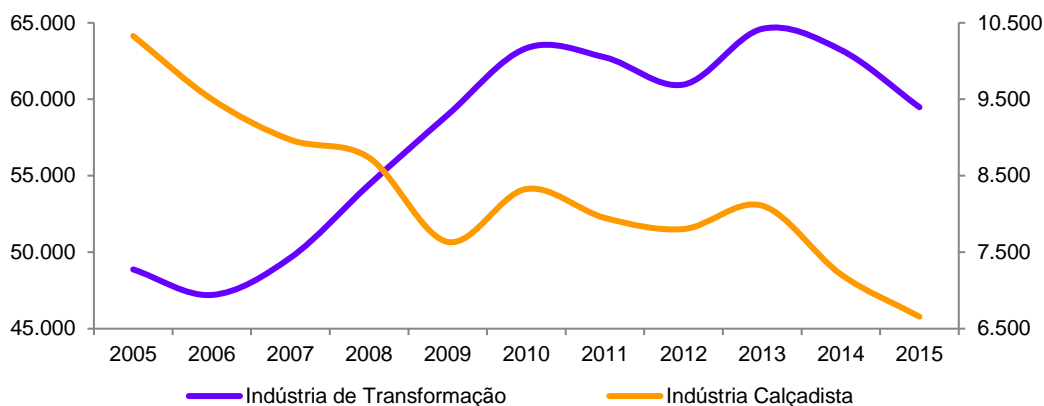


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

Com base na perda do valor real de produção de calçados no estado e no recorte das regiões, considerou-se importante observar a evolução do valor real de produção da indústria de transformação gaúcha no mesmo período.

Gráfico 5

Valor da produção da indústria de transformação e da indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de R\$, em valor constante, de 2005 a 2015

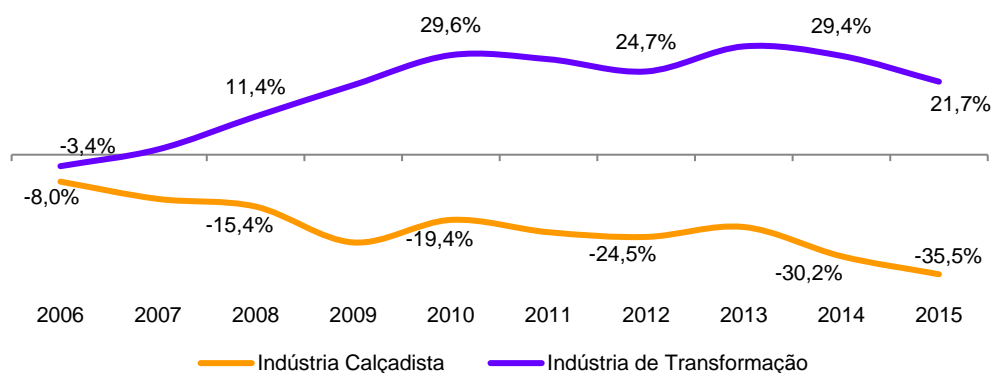


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em FEE DADOS e IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017).

O Gráfico 5 revela movimentos totalmente opostos entre a indústria de transformação e a indústria calçadista, de 2005 a 2010, e certa tendência de comportamento semelhante de 2010 a 2015. Enquanto a indústria de transformação acumula variação positiva, 2005 a 2010, com acréscimo próximo a 30%, a indústria calçadista possui comportamento de decréscimo ano a ano. Ao final do período, (2015), a produção de calçados em valor caiu 35,5%, frente a um aumento de valor da indústria de transformação de 21,7%, como apresenta o Gráfico 6. Esses movimentos antagônicos demonstram uma disparidade muito grande no valor produção de calçados para o restante da indústria de transformação.

Gráfico 6

Variação acumulada da produção indústria de transformação e da indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 2006 a 2015



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em FEE DADOS e IBGE/Abicalçados. (PIA-PRODUTO 2017).

Por fim, a partir dos dados observados, compreende-se que a trajetória da indústria calçadista teve desempenho muito inferior em relação a indústria de transformação no estado gaúcho. Sabe-se que a indústria calçadista é um setor bastante tradicional, o que caracteriza o processo de transformação industrial mais complexo afim de se manter competitivo e acompanhar a concorrência do sistema capitalista, conforme Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1995). Percebe-se, que no período, houve redução do valor médio do calçado produzido no Rio Grande do Sul, possivelmente

relacionado à concorrência focada em preço. Ademais, torna-se bastante relevante o olhar aos próximos aspectos do setor no intuito de identificar o comportamento setorial nas condições em que se deparou.

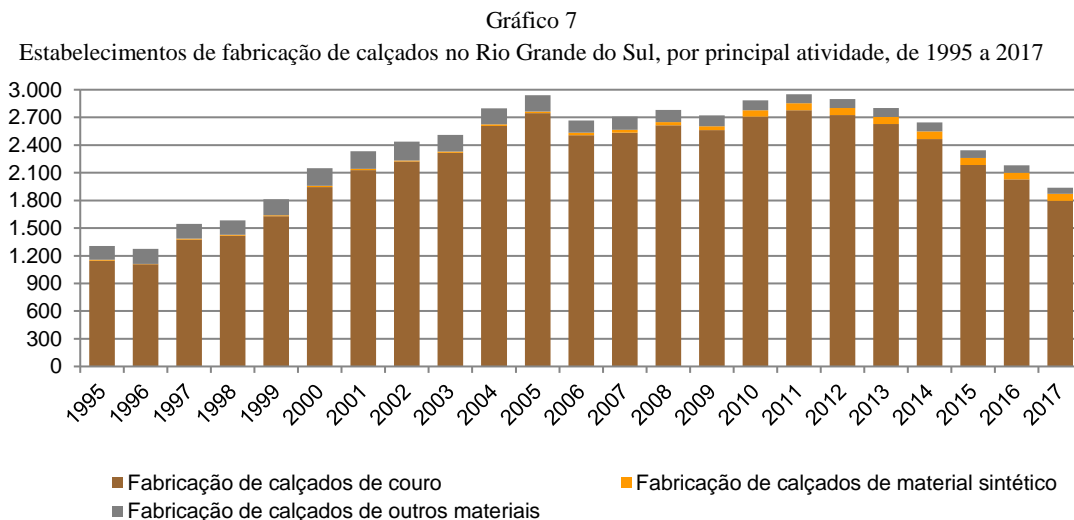
4.2 Estrutura industrial

Ao observar os estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, ao longo de 1995 a 2017, rapidamente percebe-se uma variação significativa no número total de estabelecimentos. Em 1995, 1.305 fábricas representavam a produção de calçados no estado. Ao final do período, (2017), esse grupo esteve formado por 1.939 empresas manufatureiras. O maior número de empresas encontrou-se no ano de 2011, no qual a fabricação de calçados possuía 2.950 empresas, representando cerca de 8,5% no total de estabelecimentos da indústria de transformação no Rio Grande Sul. Já em 2017, as empresas de fabricação de calçados tiveram apenas 6% na participação do total de estabelecimentos da indústria de transformação.

A indústria de transformação também passou por reduções no mesmo período. Contudo, a queda acumulada de 2011 para 2017, foi de 4%, passando de 34.564 empresas para 33.113, no número de estabelecimentos. Enquanto isso, a indústria de fabricação de calçados resultou em uma variação negativa de 34%.

Entre 1995 a 2011, houve crescimento de 126% dos estabelecimentos de manufatura de calçados. Contudo, de 2011 a 2017, o resultado foi de queda em 34%. No total do período analisado, (1995-2017) a variação de estabelecimentos de fabricação de calçados foi positiva, em aproximadamente 49%.

A partir do Gráfico 7, a evolução de estabelecimentos de fabricação de calçados, no Rio Grande do Sul, por principal atividade, demonstra que uma grande parcela dos estabelecimentos tem como principal atividade a fabricação de calçados de couro natural. Ao longo da trajetória, (1995-2017), a participação da fabricação de calçados de couro como principal atividade esteve entre 87% a 94%, no estado. É importante levar em consideração que está se falando em principal atividade, o que não significa exclusividade na atividade, podendo esses estabelecimentos produzir outros tipos de calçados conjuntamente.

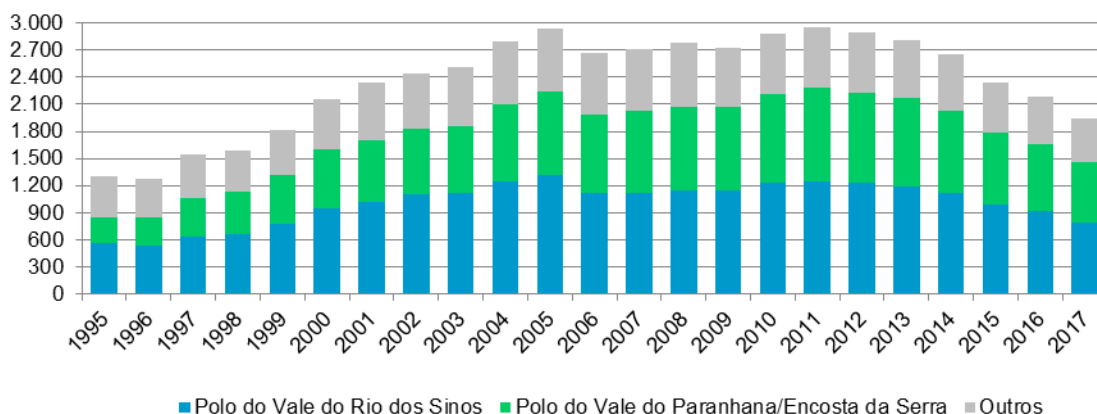


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

Outra relevante observação está na expansão dos estabelecimentos de principal atividade a fabricação de calçados de material sintético. Em 1995, havia 8 empresas nesse segmento, no Rio Grande do Sul. Já em 2017, esse grupo esteve representado em 76 estabelecimentos, resultando em uma variação positiva de 850%, no total do período. No total dos estabelecimentos de fabricação de calçados, esse grupo possui uma pequena representatividade, mas elas passaram de 0,6% para 3,9%, de 1995 a 2017, respectivamente. O crescimento na representatividade das empresas de principal atividade a manufatura do calçado sintético pode ser atribuído a alternativa de substituição da matéria prima, do couro natural para um material de menor custo. Além disso, pode estar relacionado com a um novo comportamento do consumidor em busca de calçados esportivos e sintéticos.

Na segmentação do número de estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul por polos, é possível observar a significativa representação dos polos do Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Paranhana/Encosta da Serra. Em 2017, os dois polos somados representaram 75% dos estabelecimentos de fabricação de calçados no estado. Já no período inicial, (1995), a representação foi de 64,8%. Isso indica que houve um acréscimo na representatividade total dos dois principais polos, ao final do período.

Gráfico 8
Estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

Analisando os polos separadamente, constata-se que o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra teve destaque no período. Em 1995, o polo possuía 282 empresas, ou seja, 21,6% de participação no Rio Grande do Sul. Já em 2017, o mesmo polo, teve participação de 34% das empresas de fabricação de calçados no estado, com 662 fábricas. O polo do Vale do Rio dos Sinos, ao longo dos anos, foi o que teve a maior representatividade no total dos estabelecimentos. A sua maior participação esteve em 2005, com 1.321 empresas de fabricação de calçados, significando 45% dos estabelecimentos no estado. Contudo, em 2017, na região, apenas 792 estabelecimentos de fabricação de calçados representavam o polo, uma retração de 40%, (2005-2017). A representação do polo que era de 43,2% em 1995, passou para 40,8% em 2017, mesmo assim houve aumento na quantidade de estabelecimentos no período, 228 a mais em relação ao ano de 1995. O restante do estado, outros, também teve sua representação diminuída no período, de 35,2% para 25%. Em 1995, a região possui 459 empresas de fabricação de calçados, já em 2017 o grupo esteve expresso em 485.

Todas as regiões tiveram aumento das fábricas de manufatura de calçados nos anos observados (1995-2017). No entanto, apenas o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra, teve aumento na participação do total dos estabelecimentos no estado. Mais uma vez, o polo teve um

comportamento distinto das outras regiões, ele apresentou o maior aumento de estabelecimentos comparado as outras regiões. No entanto, em 2017, o Vale do Rio dos Sinos ainda foi o polo com maior número de estabelecimentos de fabricação de calçados.

O que pode ser observado na evolução dos estabelecimentos de fabricação de calçados é mais uma característica das indústrias tradicionais, onde não há grandes dificuldades de entrar e sair no mercado, uma vez que é percebida significativas variações entre os anos de 1995 a 2017.

4.3 Mercado de trabalho

Com relação aos postos de trabalho, o setor de fabricação de calçados em 1995, empregou 102 mil pessoas no estado. Já em 2017, o mesmo ramo teve um saldo de quase 79 mil postos de trabalho, indicando uma perda de 23,4 mil empregos ou variação negativa de 23% em relação a 1995. Mesmo com a significativa queda nos postos de trabalho, o setor de fabricação de calçados, em 2017, foi o que teve maior representatividade na indústria de transformação no Rio Grande do Sul.

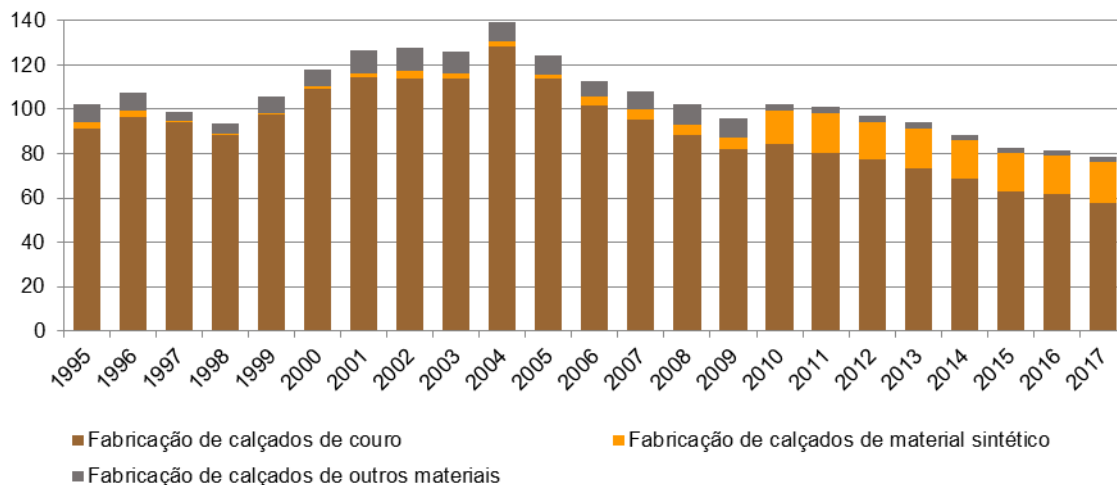
Os postos de trabalho da indústria de transformação gaúcha também foram observados, no intuito de comparar os desempenhos. Em 1995, a indústria de transformação foi responsável por 478,7 mil empregos. Já em 2017, a mesma indústria deteve 633,3 mil postos de trabalho. Assim, a indústria de transformação gerou mais de 154 mil novos empregos, um crescimento acumulado de 32,3%.

Ao olhar para os postos de trabalho na indústria de fabricação de calçados e para a indústria de transformação, percebe-se que a indústria de fabricação de calçados perdeu postos enquanto a indústria de transformação gerou novos postos de trabalho, entre os anos de 1995 a 2017. Consequentemente, a indústria manufatureira de calçados acabou perdendo participação na indústria de transformação. Em 2001, o nível de emprego na indústria de fabricação de calçados chegou a 126,5 mil postos, sendo responsável por 23,4% do total de emprego na indústria de transformação. Contudo, em 2017, a fabricação de calçados representou apenas 12,4% do emprego na indústria de transformação.

Assim, como observado no valor de produção e nos estabelecimentos, a indústria de fabricação de calçados apresentou um desempenho abaixo da indústria de transformação nos postos de trabalho.

Gráfico 9

Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por principal atividade, mil empregos, de 1995 a 2017

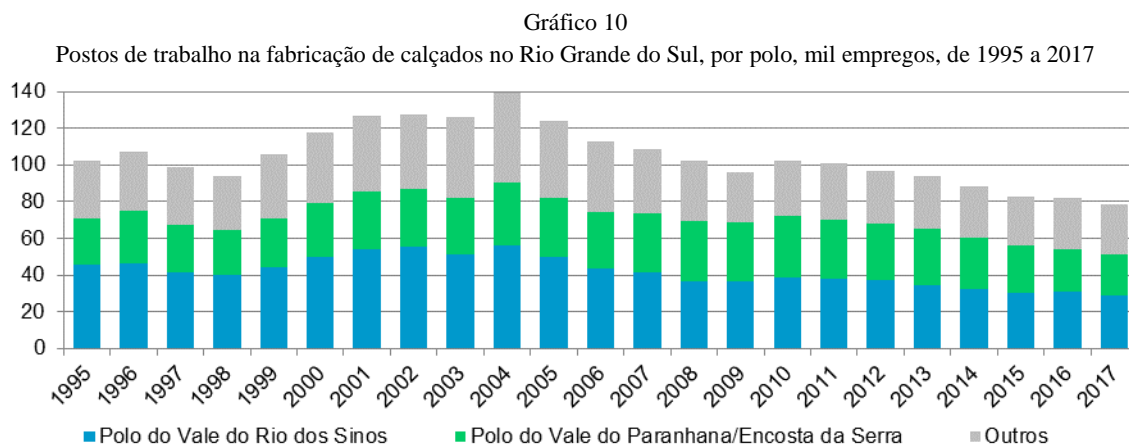


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

Os postos de trabalho na fabricação de calçados, no Rio Grande do Sul, por principal atividade, indicam perda na segmentação de calçados de couro e de outros materiais, e ganho de postos de trabalho na fabricação de calçados de sintético. Em 1995, as empresas com principal atividade na fabricação de calçados de couro empregavam 91 mil pessoas. Em 2017, este mesmo segmento teve um saldo de apenas 57,8 mil empregos, ou seja, 33,2 mil a menos que no primeiro ano do período analisado. A perda de empregos no período todo foi de 36,5%.

Assim como observado no movimento de estabelecimentos com principal atividade os calçados de sintéticos, também houve expansão de emprego no segmento. A maior variação anual ocorreu em 2010, com aumento de 180% de postos de trabalho, comparado ao ano anterior. Está se falando de 5,4 mil empregos em 2009, para 15,1 mil em 2010. No total do intervalo de tempo (1995-2017), os postos de trabalho das empresas com principal atividade o calçado de sintético somou um aumento de 15,6 mil postos, iniciado em 1995 com 2,9 mil. A variação positiva do período foi de mais de 500%. Em 2017, o segmento teve saldo de 18,5 mil postos de trabalho, o que representou 23,5% de emprego no total da fabricação de calçados no estado.

O emprego na fabricação de calçados de outros materiais teve redução de 70,7% entre os anos de 1995 a 2017. Em 1995, os postos de trabalho na fabricação de calçados de outros materiais eram 8,1 mil, já em 2017, esse número caiu para 2,4 mil.



A fabricação de calçados, no Rio Grande do Sul, perdeu uma grande quantidade de postos de trabalho ao longo dos anos analisados 1995 a 2017. O Polo do Vale do Rio dos Sinos foi e ainda é o local no qual encontra-se a maior concentração de empregos no ramo, com cerca de 37% dos postos de trabalho em 2017. Contudo, essa região foi a que mais perdeu postos no período, com uma queda acumulada de 36,9% de empregos, passando de 45,8 mil para 28,9 mil postos, entre os anos 1995 e 2017, respectivamente.

Em 2017, o Polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra representou 28,6% da força de mão de obra no estado. A região também apresentou variação negativa nos postos de trabalho, quase 10%, entre 1995 a 2017, passando de 24,9 mil postos para 22,5 mil. Já o restante do estado, (outros), perdeu 3 mil postos, durante todo o período. Em 1995, a região detinha cerca de 31,3 mil empregos passando para 27,3 mil em 2017, queda de 12,8%. O polo representou 34,7% dos postos de trabalho.

Pode-se entender mais uma vez que a indústria de fabricação de calçados teve dificuldades muito maiores que a indústria de transformação gaúcha na criação e na manutenção de postos de

trabalho, entre 1995 a 2017. O emprego teve queda maior nos estabelecimentos de principal atividade a fabricação do calçado de couro e no polo Vale do Rio dos Sinos.

4.4 Contrastes regionais

O objetivo do subcapítulo está em identificar os principais contrastes regionais, no intuito de comparar o movimento de uma região com a outra, ocorridos entre os anos de 2005 a 2017, de forma sucinta e clara, nos aspectos descritos anteriormente: produção, emprego e estabelecimentos da fabricação de calçados.

Tabela 1
Indústria de fabricação de calçados no Brasil e no Rio Grande do Sul, de 2005 a 2017

Região	Brasil			Rio Grande do Sul		
	Ano	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017
Produção (Bilhões R\$) (preços constantes)	22,7	22,6	-0,2%	10,3	6,5	-37,0%
Produção (Milhões pares)	757,0	905,4	19,6%	196,6	185,9	-5,4%
Emprego (milhares)	290,5	239,1	-17,7%	124,1	78,7	-36,6%
Empresas (milhares)	7,7	5,7	-26,5%	2,9	1,9	-34,1%

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017) e MTE – RAIS (2017).

A Tabela 1 indica que a indústria de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul apresentou um desempenho mais fraco em relação a indústria de fabricação de calçados no Brasil. A variação da produção de calçados, em valor e em volume, foram os aspectos que tiveram maior contraste entre as regiões. Enquanto o Brasil teve aumento na produção em pares de calçados, o Rio Grande do Sul recuou sua produção. Isso indica que o setor de fabricação de calçados, em outros estados do país, apresentou expansão, na medida em que os dados nacionais se comportaram de forma superior ao estado.

A variação de emprego e de empresas de fabricação de calçados, no Brasil, é de redução. No entanto, no Rio Grande do Sul, o encolhimento é ainda maior nos dois aspectos, em relação ao país.

Tabela 2
Indústria de fabricação de calçados nos polos do Rio Grande do Sul, de 2005 a 2017

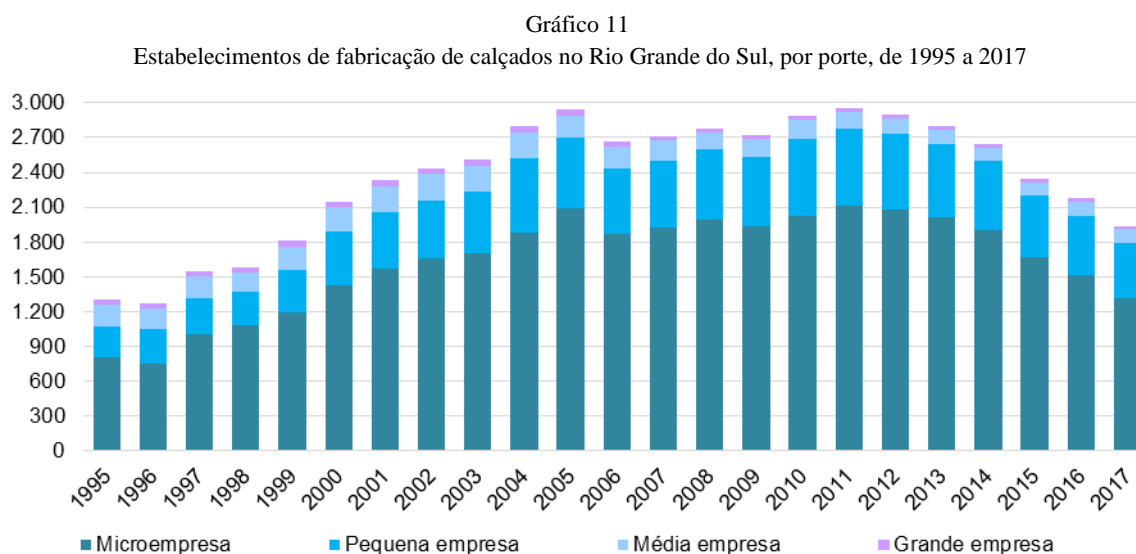
Região	Vale do Rio dos Sinos			Vale do Paranhana/ Encosta da Serra			Outros (demais regiões)		
	Ano	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017	Variação Acumulada (2005-2017)	2005	2017
Produção (Bilhões R\$) (preços constantes)	5,1	3,2	-36,8%	2,9	2,1	-29,4%	2,3	1,2	-47,1%
Produção (Milhões pares)	81,3	80,0	-1,6%	64,4	40,1	-37,7%	51,0	65,8	29,1%
Emprego (milhares)	50,0	28,9	-42,1%	32,2	22,5	-30,0%	42,0	27,3	-35,0%
Empresas (milhares)	1,3	0,8	-40,0%	0,9	0,7	-27,9%	0,7	0,5	-30,9%

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em IBGE/Abicalçados (PIA-PRODUTO 2017) e MTE – RAIS (2017).

Percebe-se que, no geral, as regiões apresentaram encolhimento nos dados entre os anos de 2005 a 2017, com ressalva a variação positiva de 29% na fabricação de calçados, em pares, nas outras regiões do estado. No aspecto de produção de calçados em valor, as demais regiões resultaram na maior variação negativa, cerca de 47%. Já na produção em volume, o polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra teve a queda mais expressiva no período, 37,7%. O polo do Vale do Rio dos Sinos resultou na maior redução, entre as regiões, no aspecto de postos de trabalho e de estabelecimentos, o encolhimento no período foi de 42% e 40%, respectivamente.

4.5 Indicadores relacionados à indústria e ao mercado de trabalho na fabricação de calçados

Na seção o interesse será em descrever a os estabelecimentos de fabricação de calçados por porte e a distribuição dos postos de trabalho por porte. Após, serão analisadas as faixas de rendimento dos colaboradores e a escolaridade dos mesmos na indústria de fabricação de calçados. Todos os dados serão expostos ao longo do período de 1995 a 2017.

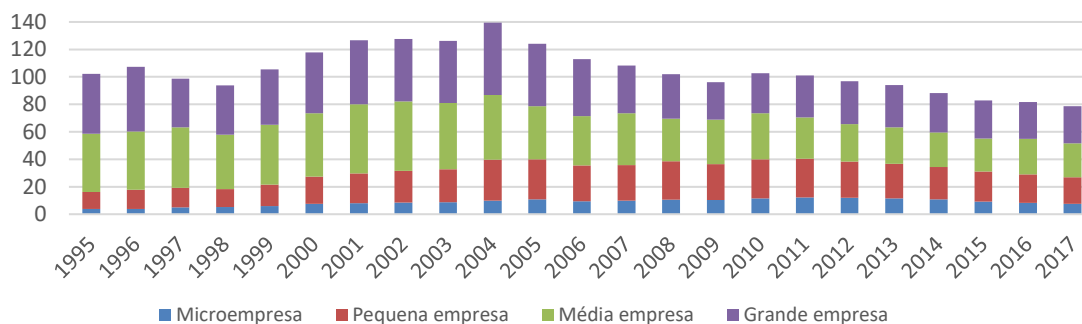


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

A partir do Gráfico 11, pode-se compreender que a maior parte dos estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul são formados por microempresas, que representam os estabelecimentos que possuem de 1 a 19 colaboradores. Em 1995, as microempresas formavam 62% dos estabelecimentos da fabricação de calçados, já em 2017, essa participação chegou a 68%, no estado. No período analisado, as microempresas expandiram 63,5% no ramo, passando de 805 para 1316, de 1995 a 2017, respectivamente. As pequenas empresas, de 20 a 99 funcionários, também cresceram durante os anos de 1995 a 2017, passaram de 272 para 474, respectivamente. No último ano, o grupo representou cerca de 24% das fábricas, no estado. Já as médias (de 100 a 499 empregados) e grandes empresas (com 500 ou mais colaboradores) perderam espaço entre os estabelecimentos de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul. Esse movimento pode ser percebido na significativa redução no período, mais de 34% nas médias empresas e de quase 35% nas grandes empresas. Em 2017, as médias empresas eram no total 121 e as grandes empresas 28, participação de 6,2% e 1,4%, respectivamente, nos estabelecimentos de fabricação de calçados.

Gráfico 12

Postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, por porte, mil empregos, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

Os postos de trabalho da fabricação de calçados no Rio Grande do Sul estão atualmente (2017) divididos em três parcelas praticamente proporcionais por portes de empresas. No qual, 35% dos empregos concentram-se em micros e pequenas empresas, 31% nas médias empresas e 34% nas grandes empresas. Contudo, ao olhar os dados de 1995, percebe-se que houve certa uma movimentação nessas parcelas. No mesmo ano, as médias empresas empregavam 42% do total dos trabalhadores e as grandes empresas 43%. Juntos, esses dois portes, detinham 85% do mercado de trabalho, no estado. Apenas 15% dos postos de trabalho estavam nas micros e pequenas empresas.

A análise de movimentação da concentração de emprego também pode ser realizada ao se olhar para a variação acumulada no período. A variação demonstra crescimento expressivo dos postos de trabalho em micros e pequenas empresas, 95% e 57%, respectivamente, e queda nas médias (-42%) e grandes (-38%) empresas, entre os anos de 1995 a 2017.

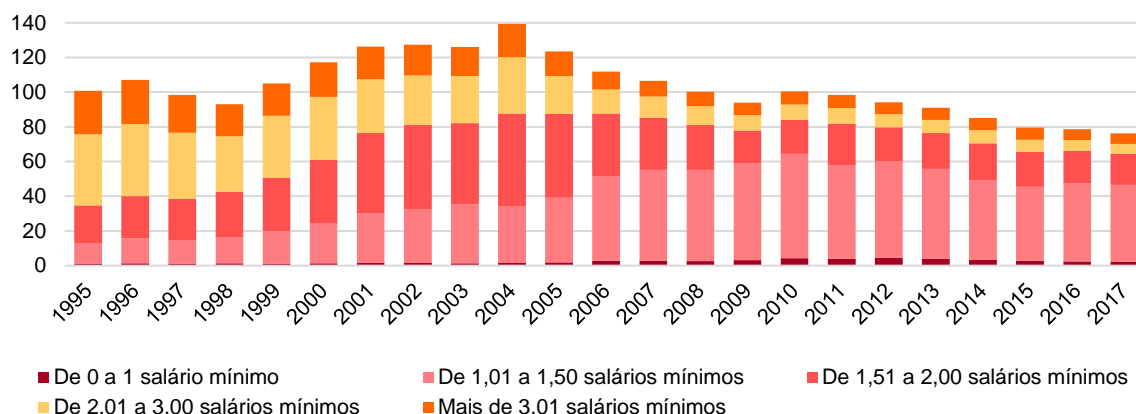
A partir dos dados descritos, entende-se há uma movimentação tanto no porte dos estabelecimentos de fabricação de calçados como na concentração de postos de trabalho por porte. Ao passar dos anos, o setor de fabricação de calçados passou a ser representado ainda mais por micros e pequenas empresas e os postos de trabalho também ganharam maior expressividade nas empresas de até 99 funcionários.

O crescimento das micros e pequenas empresas no setor e também de sua representatividade é o que Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1995) percebem como forte e comum atributo nos setores tradicionais. Além disso, os autores descrevem que dessa maneira, as empresas tendem a trabalhar de forma horizontal, como uma espécie de colaboração, que é definida como “economia de aglomeração”, uma vez que para os estabelecimentos de menor porte há uma dificuldade maior na capacidade de investimento e inovação em relação às grandes empresas.

A partir do Gráfico 13 serão descritas as evoluções da faixa salarial dos trabalhadores da fabricação de calçados no estado. Ao longo do período é possível perceber um significativo crescimento da faixa salarial entre 1,01 a 1,5 salários mínimos e redução na participação da faixa salarial dos salários mais altos à 1,5 salários mínimos. Em 1995, apenas 12% dos empregados no setor de fabricação de calçados recebiam a faixa salarial entre 1,01 a 1,5 salários mínimos. Já no final do período, em 2017, a representação dos funcionários que receberam está faixa salarial chegou a 58%.

Gráfico 13

Faixa salarial dos postos de trabalho na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, mil empregos, de 1995 a 2017



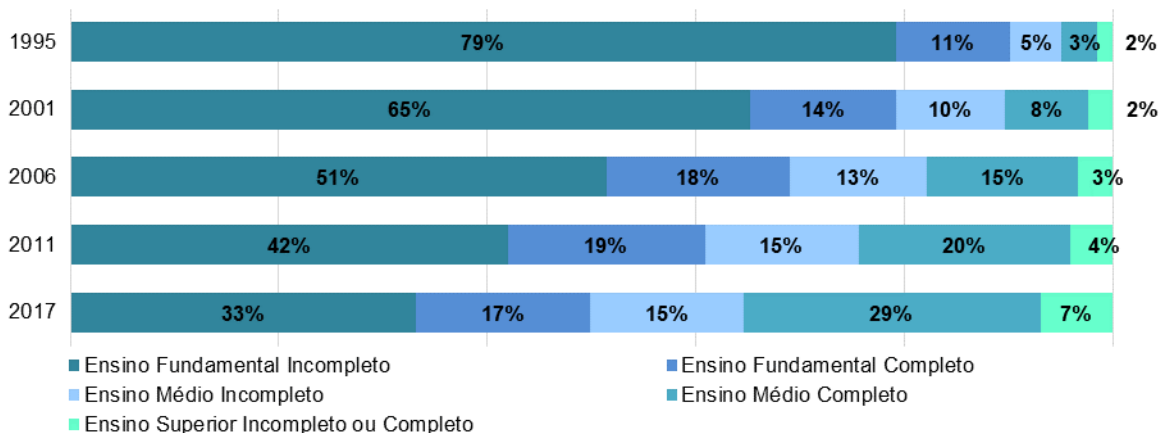
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

Ao observar as variações anuais (Gráfico 13) vê-se que os crescimentos da faixa salarial de 1,01 a 1,5 salários mínimos estão entre os anos de 1998 a 2010. Boa parte desse período, encontra-se dentro dos anos no qual houve crescimento real do salário mínimo nacional, a partir de políticas públicas.

Em 2017, 24% dos colaboradores receberam de 1,51 a 2 salários mínimos. No mesmo ano, apenas 16% dos trabalhadores da fabricação de calçados no estado receberam mais de 2 salários mínimos mensais. Assim, compreende-se que indústria de fabricação de calçados é formada em sua maior parte, 84%, por trabalhadores que recebem até 2 (dois) salários mínimos.

Gráfico 14

Escolaridade dos trabalhadores na fabricação de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em MTE – RAIS (2017).

Os dados de escolaridade dos trabalhadores no setor de fabricação de calçados no Rio Grande do Sul demonstram relativa melhora ao longo do período. Em 1995, 79% dos trabalhadores não possuía ensino fundamental completo. Já em 2017, a participação desse grupo esteve representada por 33% dos colaboradores do ramo. Os trabalhadores com ensino fundamental completo eram 11,1 mil em 1995, e passaram para 13,2 mil, em 2017. Já os colaboradores com ensino médio incompleto, eram 5 mil e passaram a ser 11,5 mil, no mesmo período.

A maior variação acumulada, entre 1995 a 2017, encontra-se nos colaboradores com ensino médio completo, no qual houve 562% de aumento. Esse grupo de colaboradores representava, em 1995, 5% do total de trabalhadores. Em 2017, o mesmo grupo foi para 29%, (segundo maior grupo entre os funcionários).

Os trabalhadores que entraram para o ensino superior ou graduados, representaram uma parcela de 7% dos colaboradores na indústria de fabricação de calçados, em 2017. Eles passaram de 1,5 mil para 5,4 mil, de 1995 a 2017.

No final do período, observa-se que houve uma grande modificação e melhora na qualificação dos trabalhadores da fabricação de calçados. No entanto, esse investimento educacional não teve reflexo no aumento da renda. Como observado no Gráfico 13, houve com o passar dos anos uma piora na distribuição da renda, onde a maior parte dos trabalhadores ficou concentrado na faixa salarial de até 1,5 salários mínimos. Este comportamento é o inverso da regra geral, no qual espera-se que, quanto mais qualificado for o trabalhador, ou seja, mais anos de estudos ele possuir, maior será o seu rendimento.

Contudo, como já visto em trabalhos realizados anteriormente, também é característica dos setores tradicionais optar por regiões com menores níveis salariais, uma vez que esses ramos demandam uma grande parcela de mão de obra por ter boa parte do processo ainda realizado de maneira artesanal. Além disso, a escolha da competitividade alçada na concorrência focada em custo, e assim no baixo preço do produto, acaba impactando a uma baixa remuneração dos colaboradores do setor.

4.6 Comércio exterior

Os dados apresentados no seguinte capítulo irão demonstrar o desempenho das exportações e das importações de calçados no Rio Grande do Sul, pela quantificação em valor, (dólares), em volume, (pares), e do preço médio. Também serão analisados os principais destinos e origens das relações comerciais. Por fim, será observado o comportamento da taxa de câmbio ao longo do período juntamente com o desempenho do preço médio de comércio exterior de calçados.

****Exportações de calçados**

Tabela 3
Evolução das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017

Ano	Valor ((milhões de US\$)	Quantidade (milhões de pares)	Preço Médio (US\$/Par)
1995	1.213,5	117,2	10,4
1996	1.388,9	122,0	11,4
1997	1.341,1	115,6	11,6
1998	1.144,0	99,7	11,5
1999	1.084,7	103,0	10,5
2000	1.292,8	121,4	10,7
2001	1.318,3	121,2	10,9
2002	1.166,6	114,7	10,2
2003	1.149,4	116,9	9,8
2004	1.274,5	119,9	10,6
2005	1.310,3	98,9	13,3
2006	1.256,9	81,8	15,4
2007	1.215,2	69,8	17,4

Tabela 3 – Continuação

Ano	Valor ((milhões de US\$)	Quantidade (milhões de pares)	Preço Médio (US\$/Par)
2008	1.117,8	51,5	21,7
2009	765,8	35,6	21,5
2010	712,3	30,0	23,7
2011	577,3	22,6	25,6
2012	385,4	15,4	25,0
2013	387,1	16,5	23,5
2014	387,1	18,0	21,6
2015	370,0	20,5	18,1
2016	435,9	28,7	15,2
2017	451,8	28,1	16,1

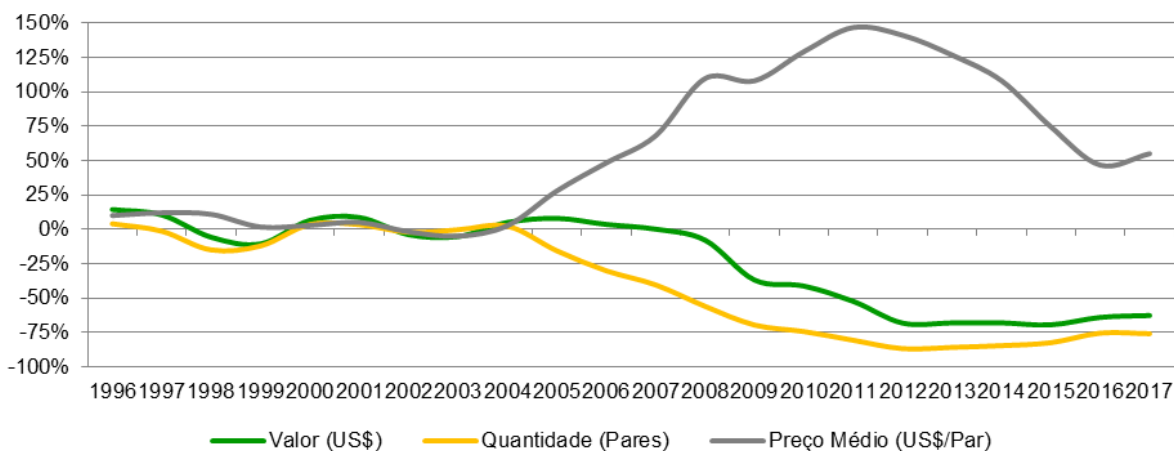
Fonte: Elaborada pelos autores, com base em SECEX.

A Tabela 3 e o Gráfico 15, revelam uma grande redução nas exportações de calçados do Rio Grande do Sul, em valor (US\$) e em volume (pares) ao longo de 1995 a 2017. Apenas o preço médio (US\$/par) resultou em variação positiva ao final do período. Contudo, o preço médio do calçado enviado ao exterior precisa ser observado com atenção, pois está condicionado a volatilidade cambial.

Em 1995, o estado gaúcho exportou 1,2 bilhões de dólares de calçados. Já, em 2017, foram exportados somente 451,8 milhões de dólares, resultando em variação negativa de quase 63%. As quedas anuais mais expressivas, (em relação ao ano anterior), encontraram-se nos anos de 2009 e 2012, as duas acima de 30%. A análise da evolução dos calçados gaúchos enviados ao exterior, em volume, demonstra redução de 90%, entre 1995 a 2017. Percebe-se a primeira queda expressiva nas exportações em pares de 2005, no qual foram enviados 21 milhões de calçados a menos para o mercado externo comparado ao ano anterior.

O preço médio do calçado exportado no Rio Grande do Sul, em 1995, era de US\$ 10,4 o par, e em 2017, o produto enviado exterior passou para US\$ 16,1, aumento de 55% no acumulado do período. (O comportamento do preço médio do calçado exportado, ao longo dos anos, ainda será analisado com maior atenção mais a frente, onde também será observado a trajetória da taxa de câmbio).

Gráfico 15
Variação acumulada das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1996 a 2017



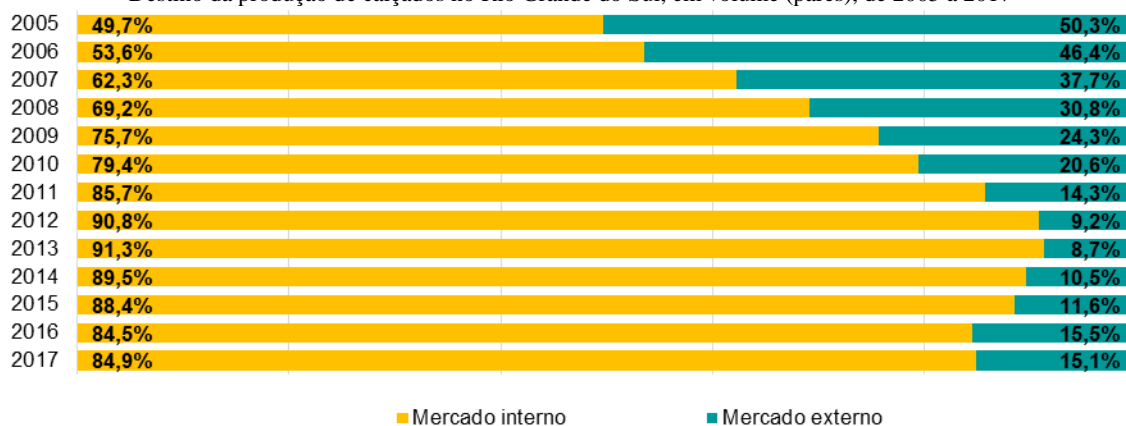
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

Ao olhar para a destinação da fabricação de calçado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2005 a 2017, em volume, compreende-se que houve um redirecionamento da produção ao mercado interno. Em 2005, praticamente metade da produção estava destinada ao mercado externo e metade ao mercado interno. Entretanto, o mercado interno foi ganhando participação no passar dos anos. Ao final do período, (2017), apenas 15% dos pares produzidos, no Rio Grande do Sul, de calçados esteve destinada à exportação.

A mudança no destino da produção de calçados voltada mais ao mercado interno, pode estar relacionada: 1. Ao fraco desempenho das exportações de calçados ao longo dos anos, (com interferência da crise mundial a partir de 2008); 2. À boa performance da economia brasileira, entre os anos de 2003 a 2014, (com reflexos diretos na renda da população, baixo nível de desemprego e aumento real do salário mínimo).

Gráfico 16

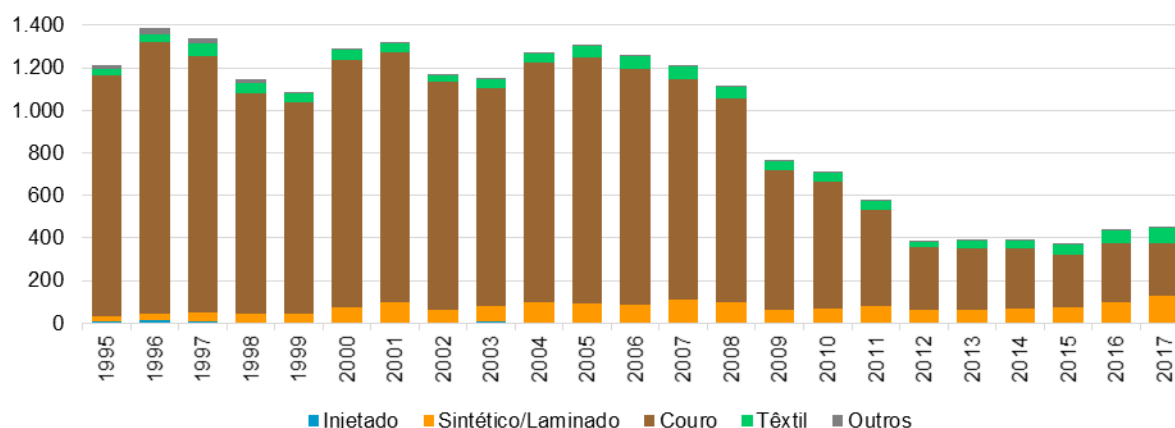
Destino da produção de calçados no Rio Grande do Sul, em volume (pares), de 2005 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX/IBGE.

Gráfico 17

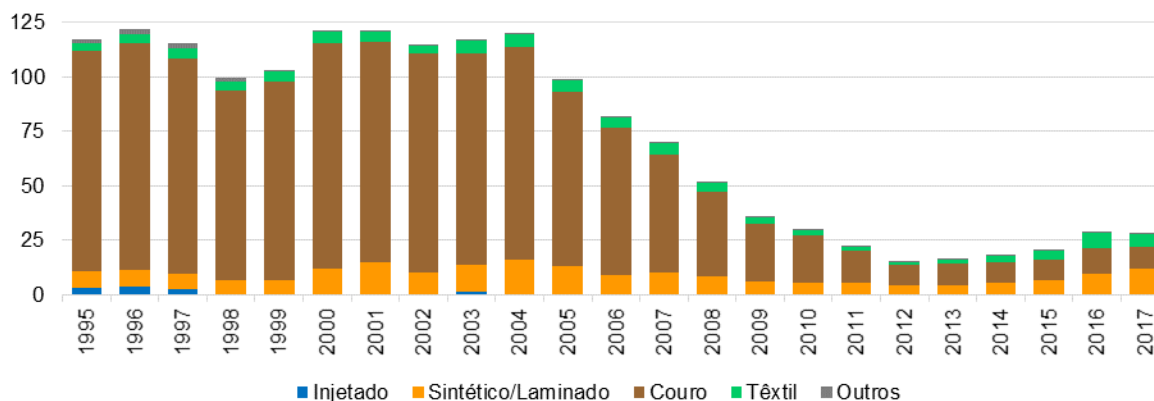
Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de US\$, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

Gráfico 18

Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

As exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, demonstram um decréscimo grande nas exportações de calçados de couro, de calçados injetados e de outros calçados. O prejuízo acumulado, (1995-2017), em valor, foi maior de 78% em cada um dos três tipos de calçados por material. Esses calçados, (couro, injetado e outros), também perderam participação no total das exportações do estado, isso tanto na observação em valor (US\$), como na quantificação de pares. Contudo, como o calçado de couro detinha uma expressiva parcela, sua queda foi mais notável. Em 1996, os calçados de couro geraram mais de 1,2 bilhões de dólares para o estado. No entanto, em 2017, o valor de calçados de couro enviados ao exterior chegou apenas a 248,7 milhões de dólares.

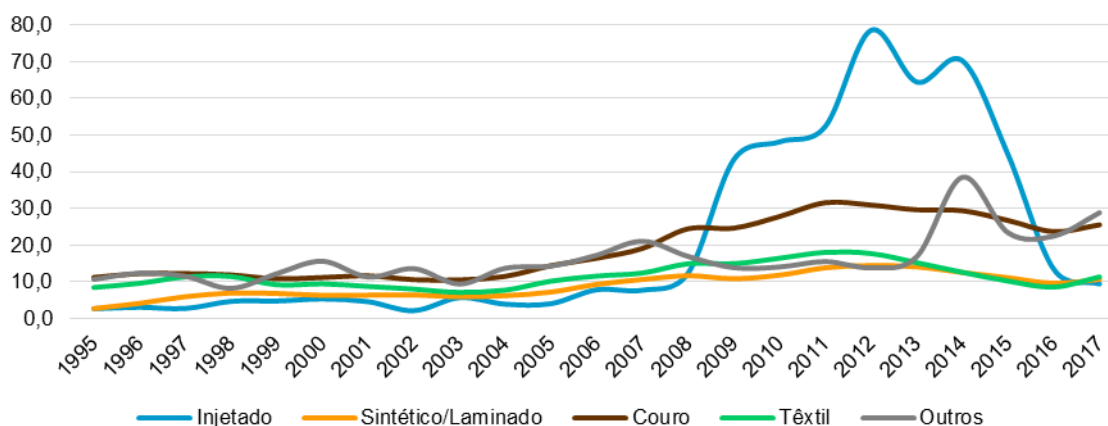
Os calçados com predominância o material sintético e o têxtil apresentaram boa performance na trajetória das exportações do estado. Entre 1995 a 2017, as exportações de calçados têxtil/laminado cresceram 507,5%, em valor. Além disso, esse segmento também ganhou participação. Em 2017, 28% do total de dólares gerados pelas exportações foram de responsabilidade dos calçados sintéticos. Já os calçados têxteis expandiram 126% no mesmo período, e representaram 16% das exportações de calçados em valor, em 2017.

Em 1995, o perfil das exportações gaúchas de calçados, em volume, era composto da seguinte maneira: 86% dos calçados eram de couro, 7% de sintético/laminado, 3% injetado, 3% têxtil e um 1% outros calçados. Já em 2017, os calçados exportados no Rio Grande do Sul apresentam características bastante distintas, no qual, 43% dos calçados eram de sintético/laminado, 35% de couro e 22% calçados têxteis. (Os outros calçados e os injetados não tiveram representatividade expressiva). No decorrer dos anos, há uma alteração no perfil das exportações gaúchas de calçados, no qual o calçado de couro perdeu participação, cerca de 51 p.p., e o calçado sintético/laminado e o têxtil apresentaram significativos aumentos na participação do total de calçados enviados ao exterior.

Em 2017, foram exportados 12 milhões de pares de calçados de couro no estado. Em relação a 1995, há uma queda de 90,4% nas exportações de calçados de couro. Os calçados de sintético/laminado e têxtil, apresentam crescimento de 55% e 69%, respectivamente, nas exportações de calçados por material predominante, em volume, entre 1995 a 2017.

Gráfico 19

Preço médio (US\$/par) das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1995 a 2017

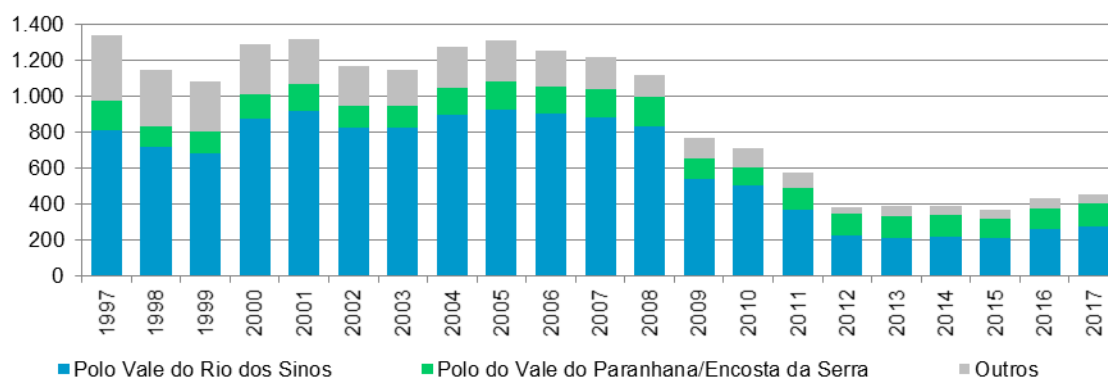


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

O preço médio (US\$/par) do calçado enviado ao exterior, com origem no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1995 a 2017, apresentou variação positiva em todos os materiais predominantes. O calçado sintético/laminado apresentou o maior crescimento no preço médio, 291%, no acumulado do período. Sendo exportado em média a US\$ 2,73, em 1995, passando para US\$ 10,70, em 2017.

Gráfico 20

Exportações de calçados no Rio Grande do Sul, por polos, em milhões de US\$, de 1995 a 2017

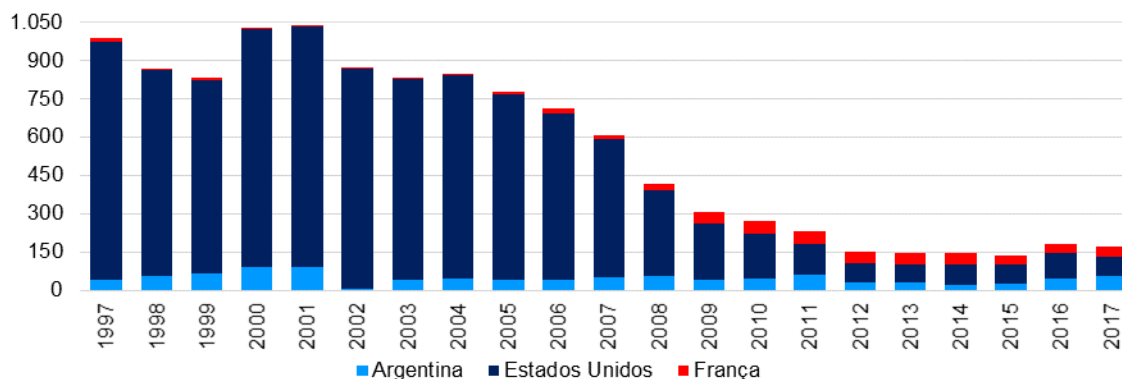


Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

Na análise das exportações gaúchas por polos, percebe-se que a maior perda em valor (US\$), entre os anos analisados, está no polo do Vale do Rio do Sinos. O polo exportou US\$ 531 milhões a menos, no comparativo de 1997 a 2017. Em 1997, o Vale do Rio dos Sinos exportou mais de US\$ 810 milhões, já em 2017, o valor foi de apenas US\$ 279 milhões. A queda acumulada no período foi de 65,5%.

Gráfico 21

Três principais destinos das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de US\$, de 1997 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

O polo do Vale do Paranhana/Encosta da Serra teve variação negativa de 22,5% no total dos 20 (vinte) anos. No primeiro ano analisado, o polo gerou US\$ 162 milhões e em 2017, foram US\$ 125,6 milhões. O restante do estado, denominado outros, em 1997 exportou US\$ 368,7 milhões, mas no último ano observado foram apenas US\$ 47 milhões. Assim, a região foi a que teve a maior variação negativa no período, 87,2%.

Os três principais destinos das exportações de calçados no estado, em valor, mantiveram-se praticamente os mesmos entre os anos de 1997 até 2017, (os Estados Unidos, a Argentina e a França). A partir do Gráfico 21, fica evidente o grande peso que principal destino das exportações gaúchas de calçados, os Estados Unidos, detinha. Além, o Gráfico também deixa claro o encolhimento das exportações de calçados para os Estados Unidos no decorrer dos anos.

Em 1997, o Rio Grande do Sul exportou calçados para 89 destinos, contudo 70% do que foi enviado ao exterior teve como destino o mercado estadunidense, enquanto apenas 3% dos calçados, em valor, foram destinados ao segundo maior mercado, a Argentina, e 1% ao terceiro, a França. Já, em 2017, as exportações encontravam-se mais diluídas, apenas 17% dos calçados gaúchos foram enviados para o mercado norte-americano, 12% aos argentinos e 9% aos franceses. No ano, os calçados gaúchos chegaram a 141 países.

A evolução das exportações de calçados, em valor, para os três principais mercados resulta em variação acumuladas distintas no período. O mercado norte-americano, principal destino dos gaúchos ao longo dos anos, teve variação negativa de 92%, (1997-2017). Já o comportamento das exportações de calçados à Argentina e à França foi de crescimento, em 31% e 273%, respectivamente, no mesmo período.

Por fim, conclui-se que a trajetória das exportações de calçados no Rio Grande do Sul, entre 1997 a 2017, é preocupante. As perdas encontram-se tanto em valor como no volume exportado, puxadas principalmente pelos calçados de couro e para os Estados Unidos, historicamente maior mercado do estado). Observou-se também, que no decorrer dos anos, as exportações atingiram um número maior de destinos e também foram desconcentradas. Além disso, pode-se dizer que houve certa alteração de produto quando analisado o crescimento das exportações de calçados de sintético/laminado e de têxtil. Ao olhar à teoria da concorrência inovativa, entende-se que essas características são parte do processo e que acabam modificando a estrutura produtiva de forma permanente. Nota-se, que a partir de 2004, o mercado começou a importar menos calçados do Rio Grande do Sul e que nos anos seguintes, seguiram em encolhimentos consecutivos dos calçados enviados ao país, que se acentuaram ainda mais com a crise econômica mundial.

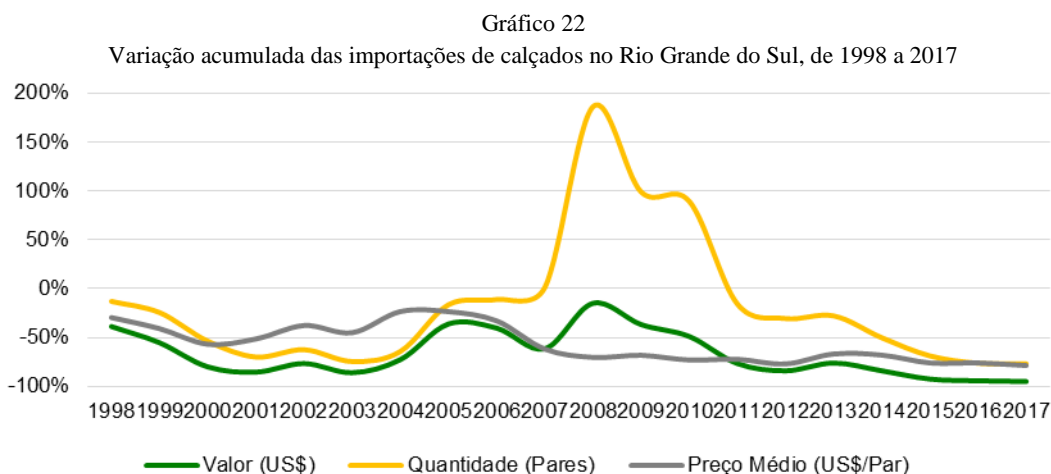
****Importações de calçados**

Tabela 4
Evolução das importações de calçados no Rio Grande do Sul, de 1995 a 2017

Ano	Valor (milhões de US\$)	Quantidade (milhões de Pares)	Preço Médio (US\$/Par)
1997	22,1	1,7	12,9
1998	13,5	1,5	9,0
1999	9,8	1,3	7,6
2000	4,4	0,8	5,5
2001	3,2	0,5	6,2
2002	5,2	0,6	8,0
2003	3,1	0,4	7,1
2004	6,0	0,6	9,8
2005	14,1	1,4	9,8
2006	13,2	1,5	8,6
2007	8,5	1,7	4,9
2008	18,8	4,9	3,8
2009	14,0	3,4	4,1
2010	11,3	3,3	3,5
2011	5,2	1,4	3,6
2012	3,5	1,2	2,9
2013	5,3	1,2	4,3
2014	3,5	0,9	4,1
2015	1,7	0,5	3,1
2016	1,3	0,4	3,1
2017	1,1	0,4	2,7

Fonte: Elaborada pelos autores, com base em SECEX.

As importações no estado gaúcho de calçados, entre os anos de 1997 a 2017, demonstram significativas reduções no período. O encolhimento é observado tanto em valor, como em volume e no preço médio do calçado importado. Entretanto, no intervalo de 2005 a 2010, houve uma certa retomada nas importações de calçados, que fica visível no Gráfico 22.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

Na percepção das importações em valor, em 1997, foram importados US\$ 22,1 milhões. Já em 2008, as importações resultaram US\$ 18,8 milhões, e no fim do período, apenas US\$ 1,1 milhões entraram no estado devido aos calçados importados. O desempenho nas importações de calçados foi de variação negativa de 95%, em valor, (1997-2017).

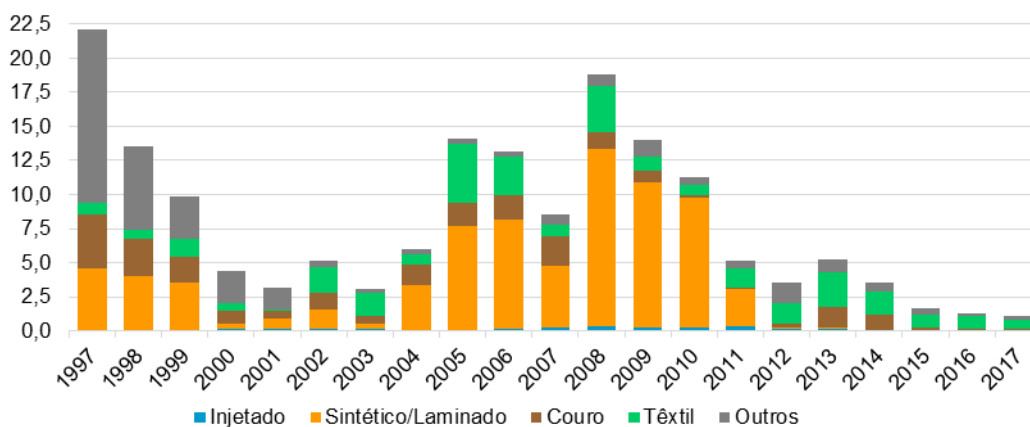
Na observação das importações em volume, em 1997, 1,7 milhões de pares de calçados foram importados no estado. Em 2008, as importações procederam em 4,8 milhões de pares, resultando um crescimento de 186% comparado ao ano inicial da observação. Por fim, em 2017, 400 mil calçados entraram no Rio Grande do Sul. A variação acumulada, de 1997 a 2017, nas importações de calçados, foi de um encolhimento em 77%.

O preço médio do calçado importado no Rio Grande do Sul variou de US\$ 12,9 para US\$ 2,7, entre 1997 e 2017, respectivamente. A queda do preço médio no acumulado dos anos chegou em 79%.

Ao comparar as importações de calçados no Rio Grande do Sul com as exportações, percebe-se que a importação representou apenas 0,2% do valor exportado e 1,4% dos pares enviados ao exterior, no ano de 2017.

Gráfico 23

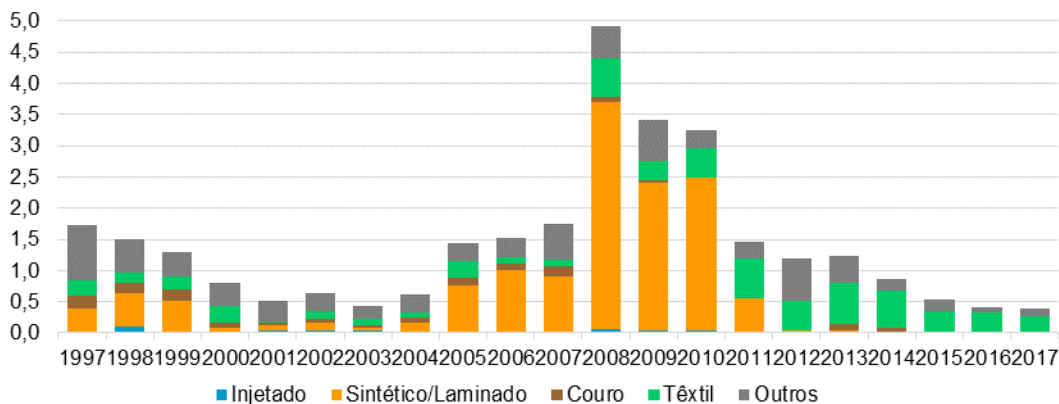
Importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de US\$, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

Gráfico 24

Importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, de 1995 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

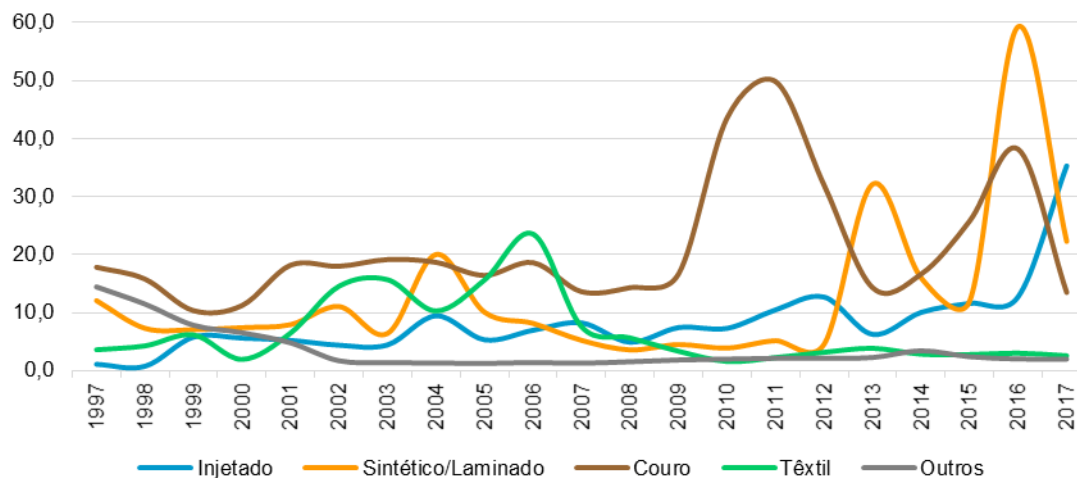
As importações de calçados por material, demonstram que houve redução na entrada dos calçados injetados, sintéticos, de couro e outros calçados, na análise de quantidade, no período total observado. Todos os calçados citados resultaram em variações negativas superiores a 86%, entre 1997 a 2017. Contudo, as importações de calçados têxteis apresentaram expansão de 14% nos pares, no mesmo período. Em 1997, 232,6 mil pares de calçados têxteis com origem do exterior entraram no estado. Em 2012, ano em que foi registrado a maior importação de pares de calçados têxteis no Rio Grande do Sul, cerca de 631 mil calçados entraram. No último ano de análise, (2017), o estado importou 265 mil pares de calçados têxteis.

Outra relevante observação está na participação do calçado têxtil no total dos calçados importados. Inicialmente, a representatividade desse material nas importações totais era apenas de 13,5%, já em 2017, o calçado têxtil chegou a ter participação de 67%, no total de pares importados, no estado. Os Gráficos 23 e 24 conseguem trazer uma ideia sobre a observação.

O Gráfico 24, importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, em milhões de pares, também demonstra outra importante consideração, agora, em relação as importações de calçados de sintético/laminado. A partir de 2005, consegue-se perceber um aumento desse tipo de calçado, apresentando grandes volumes em 2008, 2009 e 2010, algo próximo de 3,6 milhões de pares, 2,3 milhões de pares e 2,4 milhões de pares, respectivamente. Passados os anos descritos, os calçados de sintético/laminado não apresentaram mais grande quantidade nas importações, no estado. Em 2017, apenas 2 mil pares de calçados de sintético/laminado foram importados no Rio Grande do Sul.

Gráfico 25

Preço médio (US\$/par) das importações de calçados no Rio Grande do Sul, por material predominante, de 1997 a 2017



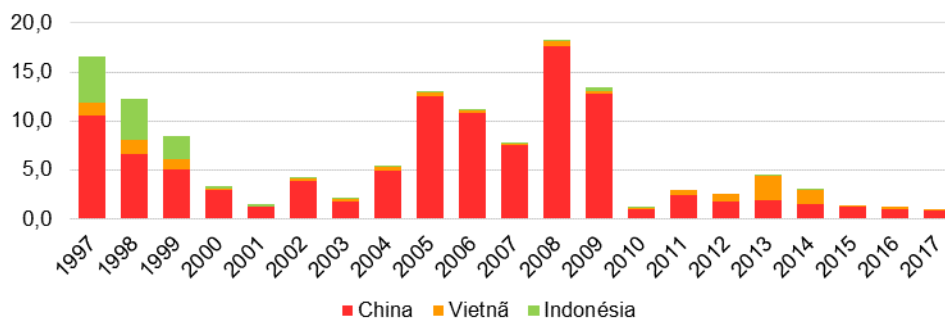
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

O preço médio (US\$/par) dos calçados importados por material predominante, no Rio Grande do Sul, ao longo da trajetória observada, demonstra que os calçados injetados e sintéticos/laminados apresentaram crescimento no seu preço médio, e já os calçados de couro, têxtil e outros tiveram queda no preço médio, no mesmo período.

O preço médio dos calçados injetados, o qual apresentaram a maior variação acumulada no período, passaram de US\$ 1,1 por par, em 1997, para US\$ 35,3 em 2017. Já o calçado têxtil sofreu variação negativa de 28% entre os anos de 1997 a 2017, passando de US\$ 14,4 para US\$ 2,0 o par importado.

Gráfico 26

Três principais origens das importações de calçados no Rio Grande do Sul, em milhões de US\$, de 1997 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

Durante os anos observados, as três maiores origens das importações de calçados, em valor (US\$), no Rio Grande do Sul, foram a China, o Vietnã e a Indonésia, respectivamente. Os três países, ao longo do período, reduziram suas importações ao estado, com destaque a Indonésia que não exportou calçados ao Rio Grande do Sul desde 2014. O Vietnã, segunda maior origem das importações de calçados no estado, apresentou redução de quase 97%, entre 1997 a 2017. Em 2017, o Vietnã exportou US\$ 41,5 mil ao Rio Grande do Sul, em calçados. Esse resultado representou cerca de 4% total das importações de calçados.

A principal origem das importações de calçados no estado é a China, assim como no Brasil. Apesar do país apresentar queda no desempenho das importações de calçados, ao longo dos anos, em 2017, a China foi responsável por cerca de 82% do total importado, em valor. A queda acumulada, (1997-2017), foi de 91,5%. Em 1997, o país exportou US\$ 10,5 milhões ao estado, em calçados e já em 2017, o valor foi de US\$ 892 mil.

O que se pode complementar é que as importações de calçados no Rio Grande do Sul tiveram significativas quedas no período observado, principalmente a partir de 2011. Sabe-se que, em março de 2010, em função do grande aumento das importações de calçados no Brasil, principalmente do continente asiático, foi aplicado o *antidumping* para a China, maior origem das importações de calçados do país e do estado. O encolhimento ocorrido está diretamente relacionado ao *antidumping* imposto, uma vez que houve redução expressiva do calçado chinês importado. A medida pode ser entendida como uma política governamental voltada à competitividade, a qual buscou defender o setor que acabou impactado por um concorrente que estava praticando preço desleal.

Outro complemento a ser considerado, ao longo do período, está na redução das importações dos calçados sintéticos/laminados, que pode ser reflexo do aumento na produção local do segmento de calçado, observado nas análises da produção, de emprego, de estabelecimentos e da exportação no Rio Grande do Sul. Por fim, o aumento das importações de calçados têxteis, esses muito relacionados aos calçados esportivos, produzidos em sua maioria por grandes gestoras de marcas, (em largas escalas), que optam por manufaturar calçados em países em desenvolvimento, com grande oferta e baixo custo de mão de obra.

4.6.3 Relação da taxa de câmbio e do comércio exterior

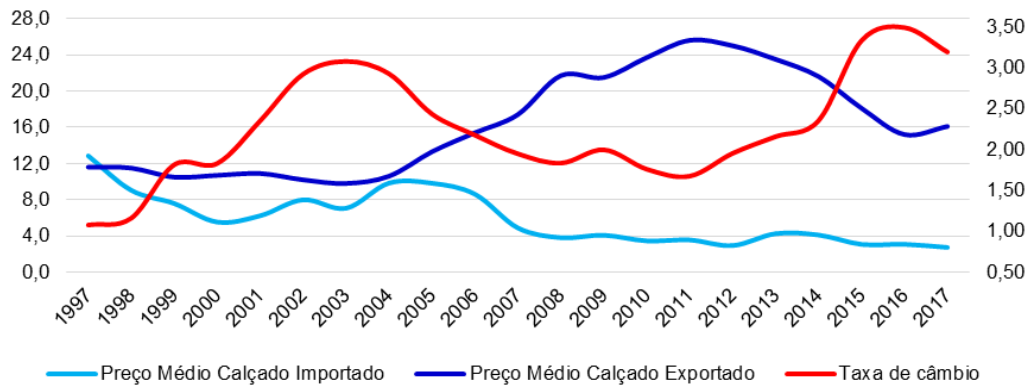
O Gráfico 27, sobre a relação da taxa média anual de câmbio e do preço médio anual (US\$/par) do calçado exportado e importado no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1997 a 2017, deixa claro que há um movimento inverso no comportamento da taxa de câmbio com o preço médio do calçado exportado. Assim, quando o câmbio (a moeda estrangeira, o dólar) estiver em um nível mais baixo ou inferior, o valor médio do calçado exportado provavelmente estará superior do

momento em que o câmbio estiver mais desvalorizado ou acima. O aumento na taxa de câmbio gera uma possível queda no preço médio do calçado exportado. Contudo, esse movimento não fica tão aparente na relação de preço médio do calçado importado com a taxa cambial.

O que se pode afirmar, é que, no período analisado, a taxa de câmbio foi determinante na definição do valor médio no calçado exportado. Por isso, a variação positiva ou aumento no preço médio do calçado exportado do Rio Grande do Sul, nos anos observados, pode não ser aumento de valor agregado ao produto e sim influência da variação cambial.

Gráfico 27

Relação da taxa média anual de câmbio e do preço médio (US\$/par) do calçado exportado e importado no Rio Grande do Sul, de 1997 a 2017



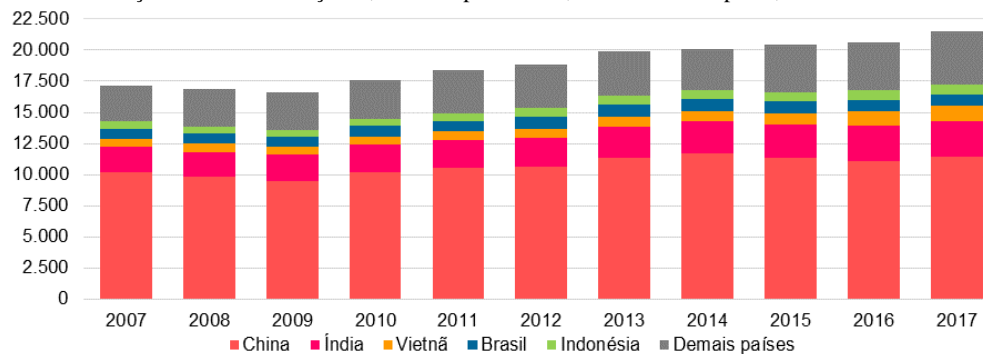
Fonte: Elaborado pelos autores, com base em SECEX.

4.7 A influência dos principais concorrentes calçadistas na indústria local

Sabe-se que a partir dos anos 2000, a indústria calçadista gaúcha e brasileira começou a enfrentar dificuldades não antes encontradas, mesmo com as formações estruturais produtivas bastante complexas nos polos. A partir dos trabalhos anteriores e dos dados descritos nesse trabalho, entende-se que a maior dificuldade do setor calçadista esteve no mercado externo. Com o passar dos anos, a produção de calçados, no Rio Grande do Sul e no Brasil, voltou-se ao mercado interno, um certo reflexo da perda de participação no mercado externo para outros concorrentes. Outro ponto percebido está na aplicação do *antidumping* em 2010, motivada a partir do aumento expressivo das importações de calçados chineses ao Brasil. Assim, pensou-se em apresentar os dados de produção e de exportação dos principais concorrentes no mercado mundial calçadista, com objetivo de tentar compreender a influência dos mesmos na indústria local.

Gráfico 28

Produção mundial de calçados, maiores produtores, em milhões de pares, de 2007 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em *World Shoe Review*.

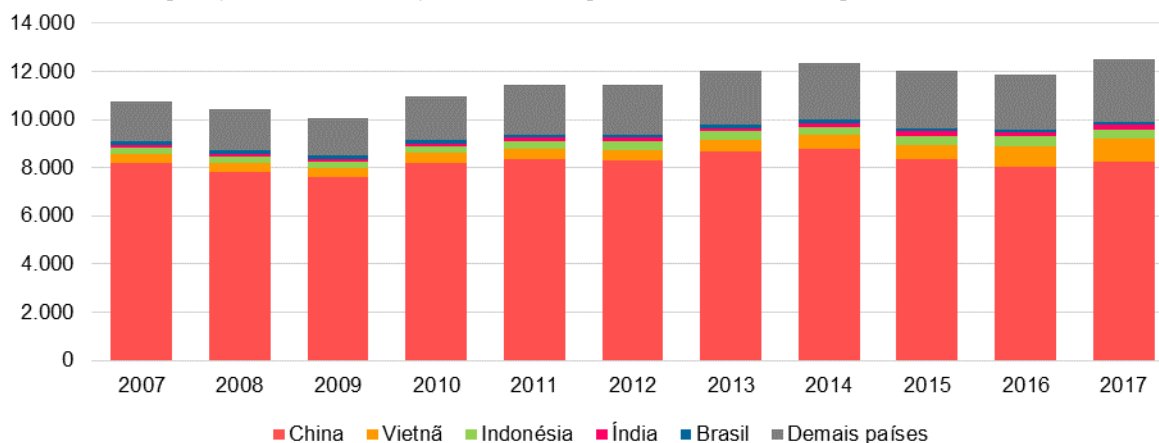
Em 2017, a produção mundial de calçados foi de 21,4 bilhões de pares, crescimento de 25,3% comparado ao ano de 2007. A China, no mesmo período, apresentou um crescimento de 11,7%, nos pares fabricados. O aumento do país asiático é menor que o crescimento mundial, contudo, a China é o maior produtor de calçados no mundo. O país asiático manufaturou 11,4 bilhões de calçados, em 2017, sendo responsável por 53% do total de calçados fabricados mundialmente, (participação bastante expressiva).

O segundo maior produtor de calçados é a Índia, que, em 2017, deteve 13% do mercado mundial. Durante o período de 2007 a 2017, o país teve variação positiva de 42,8% na fabricação de calçados, passando de 2 bilhões para 2,8 bilhões de pares manufaturados no ano. O Vietnã, em 2007, fabricou 658 milhões de pares de calçados. Já em 2017, foram 1,25 bilhões, representando 5,8% da produção mundial. Com essa quantidade, o país se tornou o terceiro maior produtor de calçados no mundo. A expansão, no total do período, foi a maior entre os cinco maiores produtores, cerca de 91%, muito superior à média mundial.

Em 2017, o Brasil fabricou 905 milhões de calçados, obtendo variação positiva de 13% em relação a 2007. O país representou 4,2% dos pares produzidos no mundo, no mesmo ano. A Indonésia, em 2017, produziu 3,8% do total de calçados fabricados mundialmente, aproximadamente 810 milhões de pares. Comparado a 2007, ela produziu 250 milhões de pares a mais. No período, a produção expandiu 44,7%. Os demais países representaram 19,5% da fabricação de calçados em 2017, ou seja, 4,2 bilhões de pares. Em comparação a 2007, o crescimento foi de quase 45%.

Quatro dos cinco maiores produtores de calçados no mundo, em 2017, são asiáticos. Juntos, eles representam 76% de tudo o que é fabricado no mundo em calçados. A China foi o país que obteve a menor expansão no período acumulado. Sua participação na fabricação mundial vem caindo anualmente, contudo, ela ainda representa um pouco mais da metade da fabricação de calçado no mundo. O Brasil, entre os países observados, foi o que teve o segundo menor crescimento no período, 13%, abaixo do desempenho mundial de 25,3%, (2007-2017). Já a produção de calçados no Rio Grande do Sul, teve desempenho ainda menor no período, de 0,4%. Isso significa que tanto o Brasil, quanto o estado, comparados ao mundo e aos principais concorrentes, estão perdendo participação na representação de fabricação de calçados, em pares, ao passo que eles têm expandido a taxas superiores.

Gráfico 29
Exportações mundiais de calçados, maiores exportadores em milhões de pares, de 2007 a 2017



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em *World Shoe Review*.

As exportações mundiais de calçados em 2017, resultaram em 12,5 bilhões de pares. Comparado a 2007, foram produzidos 1,7 bilhões de calçados a mais, significando um crescimento acumulado de 16,2%, no período.

A China, além de ser o maior produtor de calçados no mundo, é também o maior exportador mundial de calçados, com uma participação de 66% do volume exportado, cerca de 8,2 bilhões de pares, (2017). Contudo, o país asiático cresceu apenas 0,7%, entre os anos analisados, o que demonstra perda na participação das exportações mundiais de calçados, dado que elas têm crescido a taxas maiores.

O Vietnã, exportou 390 milhões de calçados em 2007. No último ano, 2017, o país enviou 926 milhões de pares ao mercado externo, obtendo expansão de 137%, no período acumulado. Assim, o Vietnã foi o segundo maior exportador mundial de calçados, com participação no mercado 7,4%, em volume. Já a Indonésia, em 2017, destinou 407 milhões de pares ao mercado externo, crescimento de 80,7%, em relação a 2007. O país deteve de 3,3% das exportações mundiais de calçados.

Apesar da Índia ser o segundo maior produtor mundial de calçados, o país foi apenas o oitavo maior exportador de calçados, com uma pequena parcela de 1,5%. Em 2017, o país enviou 185 milhões de pares para o exterior, 75 milhões a mais que em 2007, crescimento de 68,4%. O Brasil, assim como a Índia, também não apresenta uma boa participação nas exportações mundiais. O país ficou na décima primeira colocação entre os maiores exportadores, representando apenas 1% do total exportado de calçados no mundo. Em 2017, o Brasil exportou 126 milhões de pares. A variação de 2007 para 2017, nos calçados enviados ao exterior, foi negativa em 29,4%.

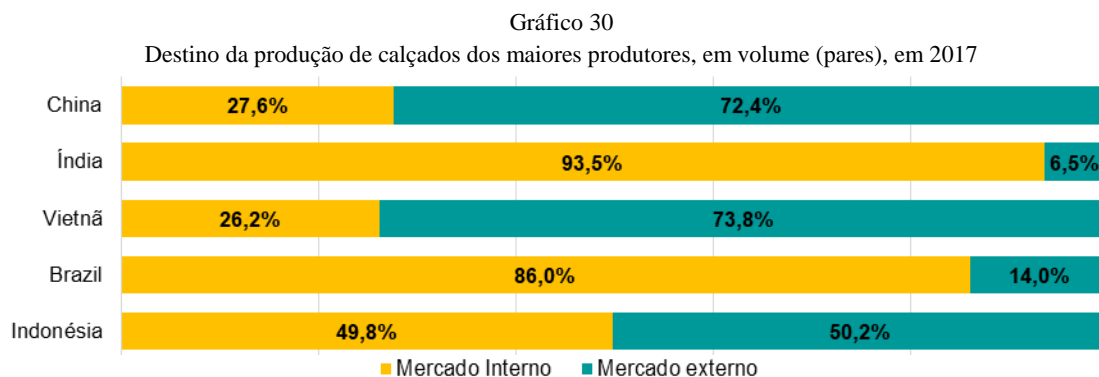
Em 2017, o restante dos países, juntos exportaram 2,3 bilhões de calçados, representando 21% do total exportado mundialmente. Em comparação a 2007, houve aumento de 6 p.p. (pontos percentuais), nas exportações. Além disso, no período, o grupo cresceu 57,3% nas exportações de calçados.

Assim como na produção, nas exportações de calçados, também é possível compreender que a China possui uma grande participação dos calçados enviados ao exterior. O Vietnã e a Indonésia também possuem representatividade significativa, mas nada comparado a China. Novamente, os maiores exportadores de calçados são asiáticos, (China, Vietnã e Indonésia), juntos eles possuem praticamente 77% das exportações de calçados.

A Índia e o Brasil, encontram-se entre os cinco maiores produtores de calçados no mundo, mas representam apenas 1%, cada um, nas exportações mundiais de calçados.

O Brasil, foi o único país teve retração nas suas exportações, no período analisado, entre os maiores produtores de calçados. E, ao analisar, no mesmo período, as exportações de calçados no Rio Grande do Sul, chega-se a um resultado negativo ainda maior comparado ao Brasil. Entre 2007 e 2017, o estado encolheu 60% dos envios de calçados ao exterior, passando de 69,8 milhões de pares para 28,1, respectivamente.

Ao analisar o destino da produção de calçados dos maiores produtores mundiais de pares, em 2017, ficam evidentes alguns comportamentos. A China, o Vietnã e a Indonésia, os três maiores exportadores de calçados, destinam todos mais da metade da sua produção ao mercado externo, em 2017. Já a Índia e o Brasil, destinam a maior parte da sua produção ao mercado interno, o que explica a baixa colocação no ranking dos maiores exportadores de calçados.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em *World Shoe Review*.

O que pode ser concluído é que os principais concorrentes do Brasil são asiáticos, países em desenvolvimento e com grande oferta de mão de obra disponível. Todos eles possuem vantagem competitiva por produzir com baixo custo na mão de obra e em grande escala, (em empresas grandes de muitos funcionários). Fatores esses que podem ser definitivos à indústria tradicional, no qual a fabricação de calçados faz parte.

A China e o Vietnã são os países que mais se destacam entre os concorrentes internacionais. A China pela sua expressividade, e o Vietnã, pelo seu bom desempenho de expansão, tanto na produção quanto na exportação de calçados. Ademais, a China possui vantagem, pois o governo faz um grande esforço na política cambial e consegue manter o Yuan, moeda local, bastante desvalorizado frente ao dólar. Sabe-se também que o foco da China e dos países asiáticos está no maior importador mundial de calçados, os Estados Unidos, conforme o *World Shoe Review* (2018). Esse aspecto acaba influenciando diretamente as exportações de calçados do Rio Grande do Sul e do Brasil, dado o país norte-americano ser o principal destino tanto do estado como do país.

Os asiáticos possuem como característica a produção de calçados esportivos e sintéticos, também associado a um novo comportamento dos consumidores, mas muito por consistir em calçados facilmente produzidos em grande escala. Com o passar dos anos, esses países, conseguiram aumentar muito a qualidade de seu produto final, e o resultado se deu em grandes volumes de produção, com preço baixo e qualidade, e enviados naturalmente ao exterior.

4.8 Indicadores de inovação

Essa seção apresenta o comportamento dos indicadores de inovação, estimados pela pesquisa nacional de inovação do Brasil, a PINTEC, nas empresas de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações por tipo, desde 2000.

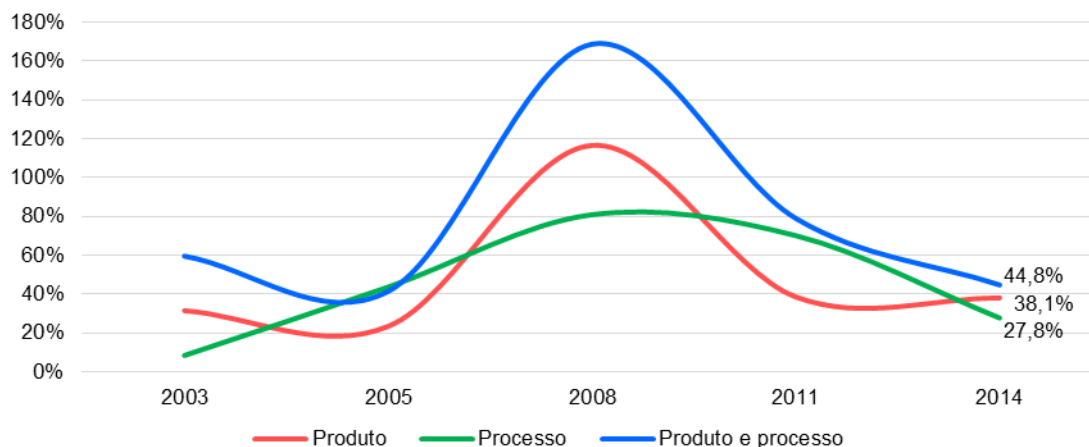
Tabela 5
Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações por tipo, de 2000 a 2014

Ano	Produto	Processo	Produto e processo
2000	576	918	383
2003	758	996	611
2005	711	1.320	541
2008	1.248	1.662	1.028
2011	798	1.563	685
2014	796	1.173	554

Fonte: Elaborada pelos autores, com base na PINTEC.

Gráfico 31

Varição acumulada das empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, e artigos de viagem e calçados, que implementaram inovações, de 2003 a 2014

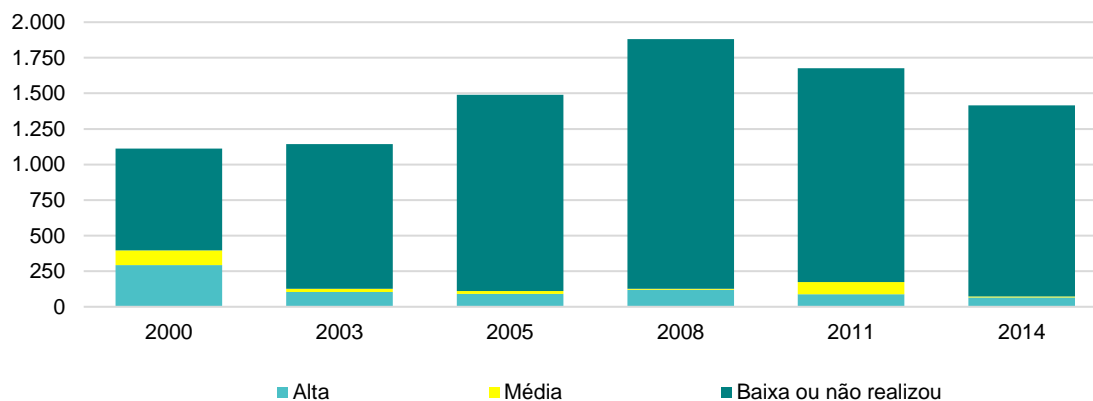


Fonte: Elaborado pelos autores, com base na PINTEC.

A Tabela 5, acompanhada do Gráfico 31, consegue demonstrar bem o movimento ocorrido durante o período de 2000 a 2014, nas empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações de produto ou de processo ou mesmo de produto somado ao processo. O movimento observado é de crescimento expressivo no número de empresas que implementaram inovações entre os anos de 2000 a 2008, e após, uma queda entre 2008 a 2014. O encolhimento entre as empresas que implementaram inovações no último período foi grande, no entanto, no total dos anos, a variação final obteve resultado positivo. Houve expansão de 38% das empresas que implementaram inovação de produto, entre 2000 a 2014. No mesmo período, o aumento das empresas que implementaram inovação de processo foi de 27,8%. A maior variação, esteve no aumento das empresas que implementaram inovação de produto e processo conjunto, chegando a 44,8%, no total dos anos.

Gráfico 32

Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância nas atividades internas de pesquisa e desenvolvimento, de 2000 a 2014



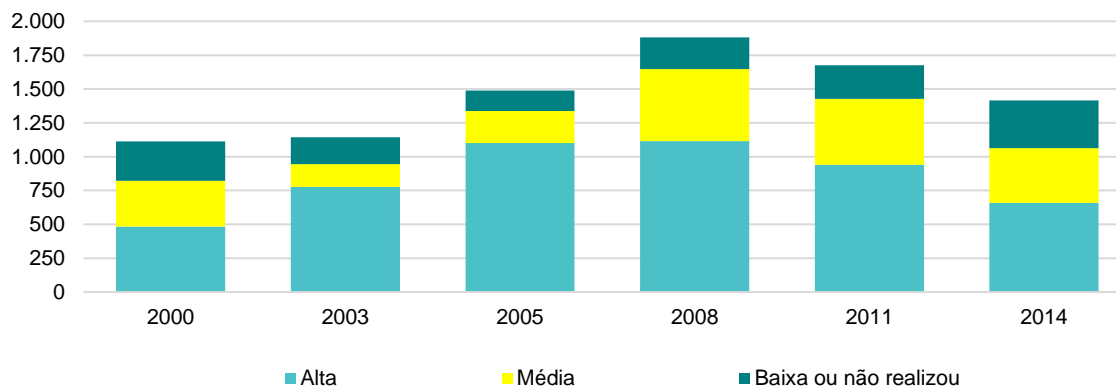
Fonte: Elaborado pelos autores, com base na PINTEC.

O Gráfico 32 apresenta o grau de importância considerado pelas empresas nas atividades internas desenvolvidas em pesquisa e desenvolvimento. Em 2000, 26,4% delas avaliou de grau alto a importância em pesquisa e desenvolvimento realizada internamente, 9,3% considerou como grau médio a atividade e 64,2% considerou de baixa importância ou não realizou pesquisa e desenvolvimento interno no período. A partir do Gráfico, percebe-se que com o passar dos anos, as empresas passaram a considerar esse tipo de inovação, cada vez mais, com grau de baixa importância ou não realizaram a atividade. Em 2014, apenas 4,6% das empresas acreditou que a implementação de inovação interna em pesquisa e desenvolvimento teve grau alto de importância, 0,5% grau médio e 94,9% considerou de grau baixo ou não realizou pesquisa e desenvolvimento na empresa.

A variação acumulada, (2000-2014), resultou aumento de quase 88% nas empresas que consideraram a atividade interna de pesquisa e desenvolvimento com baixo grau de importância ou não realizou a atividade. Já a variação das empresas que consideraram a atividade interna de pesquisa e desenvolvimento com grau alto foi negativa em 77,8%, no mesmo período.

Gráfico 33

Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância na aquisição de máquinas e equipamentos, de 2000 a 2014



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na PINTEC.

Em 2000, a aquisição de máquinas e equipamentos teve alto grau de importância em 43,6% das empresas. Já em 2014, o mesmo nível de importância abrangeu 46,5% dos estabelecimentos. No total das empresas, entre os anos de 2000 a 2014, o alto grau de importância teve crescimento de 35,8% em quantidade de estabelecimentos. O grau médio de importância na aquisição de máquinas e equipamentos teve variação de 30,4% na parcela das empresas para 28,7%, de 2000 a 2014, respectivamente. Já as empresas que consideram baixo o grau de importância da aquisição e equipamentos ou não realizaram foram 289, em 2000 e 351 em 2014, representando as parcelas de 26% e 24,8%, concomitantemente.

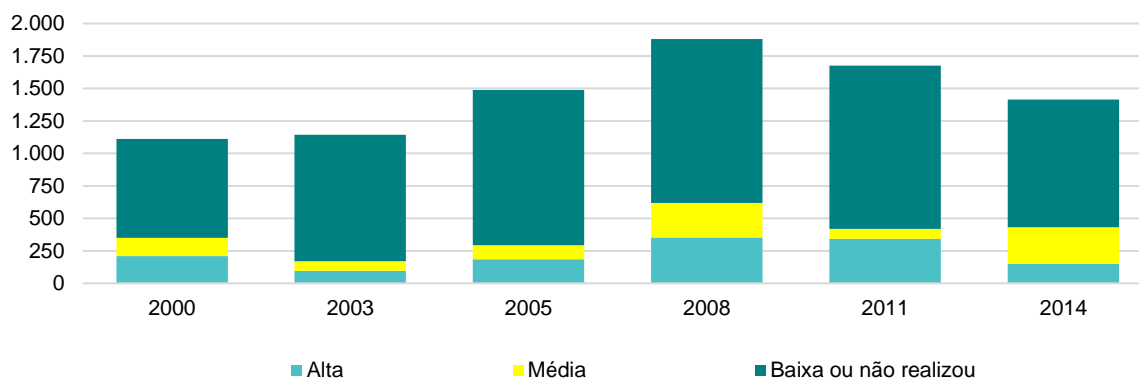
A aquisição de máquinas e equipamentos possui um comportamento bastante distinto no grau de importância em relação ao indicador anterior.

O Gráfico 34, demonstra que 19% das empresas que implementaram inovação, consideram alta a importância na introdução de inovações tecnológicas no mercado, no ano de 2000. Para 12,6%, a importância foi média e já para 68,4% dos estabelecimentos, a importância foi baixa ou não houve introdução de inovações tecnológicas no mercado. No último ano do período observado, (2014), apenas 10,6% das empresas consideraram como alta importância a introdução de inovações

tecnológicas no mercado, 19,8% consideram média importância e 69,5% não realizaram esse tipo de inovação ou consideraram de importância baixa.

Gráfico 34

Empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados que implementaram inovações, por grau de importância na introdução de inovações tecnológicas no mercado, de 2000 a 2014



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na PINTEC.

Esse indicador mostra que no total do período houve queda na participação do grau de alta importância. Ou seja, as empresas, no final do período, não consideraram tão importante, quanto no ano inicial da observação, o fator de introduzir inovações tecnológicas no mercado.

Conclui-se que, em geral, os dados demonstram reduzidos investimentos em implementação de inovação das empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados. Os investimentos entendidos como de maior importância estão na aquisição de máquinas e equipamentos apenas. O desempenho parece estar associado com a característica descrita por Ferraz, Kupfer e Haguener (1995), sobre as indústrias tradicionais apresentarem perfil de usuárias de inovação, mas pouco interesse em produzi-las. As atividades internas de pesquisa e desenvolvimento e introdução de inovações tecnológicas no mercado são entendidas com grau de importância baixa ou não são realizadas pelas empresas. O comportamento está relacionado ao pensamento de curto prazo, no qual os esforços são realizados conforme a conjuntura econômica. Assim, quando há expansão na economia, existe espaço para inovação. Caso contrário, em momento de contração econômica, pensa-se exclusivamente na contenção e redução de gastos. A conduta pode ser denominada como uma certa “mentalidade de custos”. Ademais, esse pensamento é predominante na indústria brasileira como um todo. Infelizmente, ainda não se enxerga o investimento em tecnologia e inovação a longo prazo, como forma de estratégia. Essa maneira de pensar e agir fica bastante explícita a partir dos dados de inovação no setor de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados do Brasil.

Considerações Finais

Conclui-se que a indústria calçadista do RS passou por uma modificação estrutural importante no período analisado. Em geral, os indicadores apontam uma situação bastante preocupante e delicada para o setor, exigindo alterações profundas nas competências das firmas. Parece haver uma urgência por ações estratégicas para que o setor possa continuar a desempenhar um importante papel na sociedade do RS. Não há como esperar um retorno ao passado, um retorno à estrutura que o denominou de *supercluster*. Mas, há como desenvolver o setor no sentido deste ter mais

competitividade em produtos de maior valor agregado, com mais inovação, com processos de comercialização mais inteligentes, etc.

O processo de transformação estrutural da indústria calçadista gaúcha, no período de 1995 até 2017, caracteriza-se pelo *encolhimento da produção de calçados*, refletido no *nível de emprego e de estabelecimentos de fabricação de calçados*. Boa parte dessa perda está relacionada a *queda nas exportações de calçados – lideradas pelos calçados de couro* – e principalmente para o maior destino dos calçados gaúchos, os *Estados Unidos*.

Somente entre 2005 e 2017, a produção de calçados *reduziu-se em 37% em valor real e 5,4% em volume de pares*, informando que hoje produzimos um volume de pares de calçados que possui um valor de mercado consideravelmente menor daquele do início dos anos 2000. Além disso, o desempenho do RS nesta indústria ficou abaixo do desempenho nacional e inferior frente ao desempenho de seus principais concorrentes internacionais. Um resultado negativo é encontrado ao se comparar a indústria calçadista com o total da indústria de transformação no RS, *informando o forte impacto que a produção de calçados do estado sofreu desde o início dos anos 2000*.

Outra mudança identificada foi no perfil do produto produzido, com *aumento expressivo de empresas e de postos de trabalho vinculados à fabricação do calçado sintético*. Importante observar que no indicador de *exportações*, os *calçados com predominância de material sintético e de material têxtil apresentaram boa performance*, pois *mostraram crescimento em valor e em volume de calçados de sintético/laminado e de têxtil*. *Desta forma, pode-se afirmar que, pelo menos, esses tipos de calçados tiveram destaque no período analisado, a partir do aumento encontrado nos estabelecimentos, no nível de emprego e nas exportações de calçados*.

Os micros e pequenos estabelecimentos ganharam espaço no passar dos anos e as médias e grandes fábricas diminuíram sua participação no total de empresas do ramo. O mesmo movimento é percebido nos postos de trabalho, que com o passar dos anos foram se concentrando mais para as micros e pequenas empresas. O comportamento é visto como característica comum entre os setores tradicionais, mas que pode encontrar dificuldade na capacidade de investimento e de geração de inovações.

Observa-se também, que houve melhora na qualificação dos trabalhadores da fabricação de calçados. Contudo, o investimento educacional não teve reflexo no aumento da renda dos colaboradores. Com o passar dos anos, a maior parte dos trabalhadores ficou concentrado na faixa salarial de até 1,5 salários mínimos. Este comportamento indica precarização do trabalho no setor, além de ser o inverso da regra geral, no qual espera-se que, quanto mais qualificado for o trabalhador, maior será o seu rendimento mensal. Infelizmente é característica dos setores tradicionais, que optam pela competitividade na concorrência focada em custo, no baixo preço do produto, e consequentemente o impacto na remuneração dos colaboradores, com menores níveis salariais.

Já no comércio exterior, as exportações de calçados no Rio Grande do Sul, resultaram em grande queda, principalmente pela concentração no maior mercado, os Estados Unidos. Em 1997, o peso do mercado norte-americano nas exportações gaúchas era de 70%, em valor. Já em 2017, a representação do principal destino ficou em 17%. O estado, buscou diversificar seus parceiros, no decorrer do período. As exportações de calçados gaúchas atingiram um número maior de destinos. No entanto, novos parceiros, de grande expressividade como o mercado estadunidense, não foram firmados. Também é preciso levar em consideração, que o *antidumping* para o calçado chinês, trouxe certo fôlego para a indústria calçadista no Rio Grande do Sul, uma vez que a liberalização comercial

no Brasil, na década de noventa, intensificou a concorrência, com grande aumento dos calçados asiáticos no país, principalmente da China. No geral, as importações de calçados, no estado, tiveram quedas significativas, principalmente a partir de 2011.

A China e o Vietnã são os países que mais se destacam entre os principais concorrentes da indústria calçadista mundial. Sabe-se também que o foco da China e dos países asiáticos está no maior importador mundial de calçados, os Estados Unidos. Esse aspecto acabou influenciando diretamente as exportações de calçados do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os asiáticos possuem como característica a produção de calçados esportivos e sintéticos, associado a um novo comportamento do consumidor e por consistir em calçados facilmente produzidos em larga escala. Com o passar dos anos, esses países, conseguiram aumentar muito a qualidade de seu produto final, e o resultado se deu em grandes volumes de produção, com preço baixo e qualidade, e enviados ao exterior.

Os indicadores de inovação demonstram que as empresas brasileiras de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados investem pouco em inovação. O comportamento está relacionado ao pensamento de curto prazo, no qual se faz esforços conforme a conjuntura econômica, pensamento predominante na indústria brasileira como um todo. Infelizmente, ainda não se enxerga o investimento em tecnologia e inovação a longo prazo, como forma de estratégia.

A partir das análises e de suas considerações, conclui-se que há uma expressiva mudança de perfil industrial no ramo calçadista gaúcho, de questão estrutural. Sabe-se também, que o encolhimento do setor, em valor de produção, não está relacionado apenas como uma crise setorial, e sim com novos patamares de produção, dada a nova conjuntura encontrada no contexto nacional e internacional. Contudo, apesar de menores valores de produção, a indústria calçadista gaúcha não deve ser desconsiderada e necessita de cuidados importantes. A fabricação de calçados é intensiva em mão de obra. Em 2017, quase 79 mil pessoas estiveram empregadas diretamente no setor, o qual teve a maior representatividade na indústria de transformação gaúcha. Além, tantos outros mil postos são dependentes da cadeia no processo produtivo do calçado, (setor de componentes, de máquinas, de artefatos e de couro). A manufatura do produto final resulta em diversos outros ramos em uma mesma localidade. Para mais, a especialidade dos aglomerados produtivos, os polos, pode ser de grande vantagem para determinados segmentos e nichos. É o caso, possivelmente, dos calçados sintéticos/laminados que apresentaram bom desempenho nos anos observados, com aumento de empresas, de nível de emprego e de exportações.

Dessa forma, torna-se necessário ao futuro do setor buscar alicerces de competitividade a partir de uma flexibilização maior nas estratégias e investimento em eficiência produtiva, e em design e fortalecimento de marca, dada as alterações organizacionais consequentes de adaptação aos novos cenários encontrados. O desafio estará em obter um melhor nível capacidade produtivo a partir de um perfil de indústria formado em sua maior parte por micros e pequenas empresas.

Para futuros trabalhos, sugere-se investigar a fragmentação da cadeia produtiva e pesquisar quais seriam as peças fundamentais do processo de produção de calçados que possuem capacidade desenvolver uma região. Também podem ser realizados trabalhos no âmbito de análise à especialidade do produto demandado pelo consumidor final, esse com um novo padrão de comportamento. As sugestões poderiam complementar de forma positiva o presente trabalho.

Bibliografia

- ABICALÇADOS. *Relatório Setorial: Indústria de Calçados – Brasil 2019*. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/relatorios/relatorio->. Acesso em: 20 jun. 2019.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL – BACEN. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>. Acesso em: 07 jun. 2019
- BANCO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – BNDES. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. *Relação Anual de Informações Sociais – RAIS*. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 02 de abr. 2019
- BRASIL. Secretaria de Comércio Exterior – SECEX. Disponível em: <http://portal.siscomex.gov.br/legislacao/orgaos/secretaria-de-comercio-exterior-secex>. Acesso em: 06 de abr. 2019.
- BRASIL. Secretaria-Executiva da Câmara de Comércio Exterior – CAMEX. Disponível em: <http://www.camex.gov.br/>. Acesso em: 27 maio 2019.
- COMEXSTAT. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 06 abr. 2019.
- CORRÊA, Abidack Raposo. O complexo coureiro-calçadista brasileiro. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, BNDES, 2001.
- COSTA, Achyles Barcelos da; FLIGESPAN, Flávio Benevett. *Avaliação do movimento de realocização industrial de empresas de calçados do Vale do Sinos*. Porto Alegre: SEBRAE, 1997.
- COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina. *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. 114p.
- FEE DADOS. Disponível em: <http://feedados.fee.tcche.br/feedados/>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- FERRAZ, João C.; KUPFER, David; HAGUENAUER, LIA. *Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria*. Editora Campus, 1995. 386p.
- HUMANN, Paulo Victor. Componentes: o setor que abastece as fábricas de calçados. In: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (Org.). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 87-114.
- HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, Mark. *História do pensamento econômico – uma perspectiva crítica*. 3. ed. Elsevier, 2012. 512p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 mar. 2019
- INSTITUTO Nacional de Propriedade Industrial – INPI. Disponível em: <http://www.inpi.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2019.
- MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS: *Calçados*. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/defesa-comercial/147-medidas-em-vigor/1099-calcados>. Acesso em: 13 abr. 2019.
- NELSON, Richard R.; WINTER, Sidney G. *An evolutionary theory of economic change*. Cambridge, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press, 1982. 437p.

Disponível em: http://inctpped.ie.ufrj.br/spiderweb/pdf_2/Dosi_1_An_evolutionary-theory-of_economic_change.pdf. Acesso em: 25 maio 2019

NEVES, Matheus Machado. *Setor calçadista do Vale do Sinos e as estratégias de concorrência: uma análise desde os anos 2000*. 2018. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

POERSCHKE, Rafael Pentiado. *A aplicação de direitos antidumping no Brasil: O caso dos calçados importados da China*. 2018. 292f. Tese (Doutorado)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2018.

POSSAS, Maria Silvia. *Concorrência e competitividade: notas sobre estratégia e dinâmica seletiva na economia capitalista*. 1993. 236f. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 1993.

POSSAS, Mario L. *Concorrência schumpeteriana*. In: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia (Org.). *Economia Industrial – Fundamentos teóricos e práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. p. 415-429.

RUFFONI, Janaína. *A indústria de máquinas para calçados e curtumes no Rio Grande do Sul do Brasil*. In: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (Org.). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 69-86.

REICHERT, Clovis Leopoldo. *A evolução tecnológica da indústria calçadista no Sul do Brasil*. In: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina. *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 51-68.

SCHMITZ, Hubert. *Small Shoemakers and Fordist Giants: tale of a supercluster*. *World Development*. v. 23, Issue 1, p. 9-28, Jan. 1995. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0305-750X\(94\)00110-K](https://doi.org/10.1016/0305-750X(94)00110-K).

SCHNEIDER, Sergio. *O mercado de trabalho na indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento*. In: COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (Org.). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 25-49.

SILVA, Ana Lucia Gonçalves da. *Concorrência sob condições oligopolísticas: contribuição das análises centradas no grau de atomização/concentração dos mercados*. 2003. 309f. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 2003.

SILVESTRIN, Luisiane; TRICHES, Divanildo. *A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2007.

ZINGANO, Eduardo Mariante. *O complexo calçadista brasileiro e as causas da queda do seu desempenho no período de 2003 a 2011*. 2012. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.